

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

**ELIZABETHE PEREIRA DE SOUZA**

**OS LIVROS E A PANDEMIA: práticas de leitura digital dos estudantes de Biblioteconomia da UFMA**

São Luís  
2023

**ELIZABETHE PEREIRA DE SOUZA**

**OS LIVROS E A PANDEMIA: práticas de leitura digital dos estudantes de Biblioteconomia da UFMA**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jaciara Januário da Silva

São Luís

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Souza, Elizabethe Pereira de.

Os livros e a pandemia : práticas de leitura digital dos estudantes de Biblioteconomia da UFMA / Elizabethe Pereira de Souza. - 2023.

90 f.

Orientador(a): Jaciara Januario da Silva.

Monografia (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

1. Curso de Biblioteconomia. 2. Discentes de Biblioteconomia. 3. Livros digitais. 4. Pandemia. 5. Universidade Federal do Maranhão. I. Silva, Jaciara Januario da. II. Título.

**ELIZABETHE PEREIRA DE SOUZA**

**OS LIVROS E A PANDEMIA: práticas de leitura digital dos estudantes de Biblioteconomia da UFMA**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: 29/12/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jaciara Januario da Silva (orientadora)  
Doutora em Multimédia em Educação  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cássia Cordeiro Furtado  
Doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Maria Cléa Nunes  
Mestra em Educação  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raimunda de Jesus Araujo Ribeiro (suplente)  
Doutora em Multimédia em Educação  
Universidade Federal do Maranhão

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu graça, sabedoria e forças que eu não imaginava ter, permitindo-me completar este trabalho.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jaciara Januario da Silva, valiosa orientadora que me guiou com paciência e carinho, muito obrigada por suas contribuições, por sanar minhas dúvidas e dificuldades.

À banca examinadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cássia Cordeiro Furtado, Prof<sup>ª</sup>. Ma. Maria Cléa Nunes e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raimunda de Jesus Araujo Ribeiro por dedicarem tempo e esforço para a análise e apreciação desta monografia.

Aos companheiros de sala e corpo docente do curso de Biblioteconomia - UFMA, por fazerem desta graduação uma experiência tão enriquecedora. Foram anos de muito aprendizado, que não serão esquecidos.

A minha família, que esteve presente durante minha vida. Aos meus avós Francisca Araújo e Mário Belo que investiram em minha educação desde a infância. Aos meus pais Cleâne Oliveira e Mário Neto, que sempre incentivaram e apoiaram minhas escolhas, devo muito a vocês.

Ao meu namorado, Ricardo Mendes, pelo auxílio, motivação e companhia durante esse período, por acreditar em mim e nos meus sonhos sem hesitar. Agradeço por ter você ao meu lado.

Aos meus amigos de escola, os Dogs, que torcem sempre por meu sucesso e acompanham as conquistas da minha vida.

As colegas de curso, Laís Cristina e Larissa Coelho por passarmos cada etapa desta caminhada acadêmica juntas, vocês fizeram a diferença para além dos muros da Universidade.

A todos os lugares aos quais passei e todas as pessoas que contribuíram para minha formação, meu muito obrigada.

Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.

Gustave Flaubert

## RESUMO

Estudo sobre os livros digitais e a leitura digital dos estudantes de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão. Objetiva analisar o impacto dos livros digitais nas práticas de leitura dos discentes de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão durante o período pandêmico. O caráter metodológico é de pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Sendo, também, caracterizada como exploratória e descritiva. A revisão da literatura viabilizou o embasamento teórico dos argumentos expostos ao longo da pesquisa, pautada nos autores: Chartier (1988), Procópio (2013), Silva (2013) Baptista (2014), Kama (2016), Rosa, Reis e Souza (2021), Thompson (2023) e outros. O instrumento de coleta de dados que propiciou a análise e discussão do fenômeno investigado foi o questionário semiestruturado, elaborado no *Google Forms* em modo *online*, enviado diretamente ao dispositivo dos respondentes. O universo da pesquisa se constituiu do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, e os sujeitos foram os discentes do referido curso de graduação. Constata que houve aumento na leitura de livros digitais no período estudado. Foram identificadas perspectivas sobre a atuação do profissional bibliotecário, mediante as mudanças tecnológicas. Conclui que houve contribuição positiva dos livros digitais nas práticas de leitura dos discentes de Biblioteconomia, durante o período da pandemia do Covid-19. Sugere estudos sobre fatores psicológicos que os livros proporcionam ao leitor e a aplicação de questionários a outras faixas etárias.

Palavras-chave: livros digitais; pandemia; COVID-19; discentes de Biblioteconomia; curso de Biblioteconomia; Universidade Federal do Maranhão.

## ABSTRACT

Study on the impact of digital books on the reading practices of Librarianship students at the Federal University of Maranhão during the pandemic period. It presents the definitions, characteristics and historical trajectory of the digital book. Describes the evolution of the physical book since the first known reading medium. Considers university libraries and their operation during the pandemic period. It discusses access to digital books by students on the Library Science course at the Federal University of Maranhão. The methodological character is field research with a qualitative approach. It is also characterized as exploratory and descriptive. The literature review enabled the theoretical basis of the arguments presented throughout the research, based on the authors: Chartier (1988), Procópio (2013), Silva (2013) Baptista (2014), Kama (2016), Rosa, Reis and Souza (2021), Thompson (2023) and others. The data collection instrument that enabled the analysis and discussion of the phenomenon investigated was a questionnaire prepared in Google Forms in online mode, sent directly to the respondents' device. The research universe consisted of the Library Science course at the Federal University of Maranhão, and the subjects were students from the aforementioned undergraduate course. It is clear that there was an increase in the reading of digital books during the period studied. Perspectives on the role of the librarian professional were identified through technological changes. It concludes that there was a positive contribution of digital books to the reading practices of Librarianship students, during the period of the Covid-19 pandemic. It suggests studies on psychological factors that books provide to the reader and the application of questionnaires with other age groups.

Keywords: digital books; pandemic; COVID-19; library science students; Library Science course; Federal University of Maranhão.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>LIVRO DIGITAL: definições, características e breve histórico</b> .....	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Livro físico</b> .....	<b>18</b>
<b>2.2</b>	<b>Trajectoria do livro digital</b> .....	<b>27</b>
<b>3</b>	<b>NOVAS PERSPECTIVAS PARA AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS</b> .....	<b>34</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>38</b>
<b>5</b>	<b>LIVROS DIGITAIS NA PRÁTICA DE LEITURA DOS DISCENTES DE BIBLIOTECONOMIA NO PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19</b> .....	<b>41</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>72</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>75</b>
	<b>APÊNDICE A</b> .....	<b>82</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com a praticidade que o avanço tecnológico possibilita para a vida humana, os livros digitais se apresentam como uma ferramenta que faz parte do cotidiano dos brasileiros (Endo, 2021). Vivemos em uma atitude digital, nossa rotina é pautada em ações que estão inseridas no ambiente *online*: transações bancárias, compras, consultas médicas, jogos, pesquisas, aulas, relacionamentos, comunicação, música, são alguns dos exemplos do que é possível realizar de forma *online*. A leitura não estaria aparte dessa evolução tecnológica e os livros digitais atuam como um dos principais produtos desta realidade.

Em 31 dezembro de 2019 a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada de um novo tipo de Coronavírus, na cidade de *Wuhan*, China. Quase 1 mês depois, em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constituiu uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional e em 11 de fevereiro de 2020 este novo Coronavírus recebeu o nome de SARS-CoV-2 (Covid-19). Os níveis alarmantes de transmissão e gravidade em mais de 100 países, fizeram com que a OMS caracterizasse o Covid-19 como pandemia em 11 de março de 2020 (Organização Pan-Americana da Saúde, 2023).

Em decorrência das ações de controles epidemiológicos tivemos que nos adaptar a diferentes estilos de vida, com mudanças nos hábitos de higiene, uso obrigatório de máscaras, interações sociais, formas de trabalho e métodos de ensino na modalidade remota. Diante destas mudanças, podemos incluir, também, as mudanças ocorridas no acesso à cultura e entretenimento, pois a saúde engloba bem-estar físico e mental (Dalcin, 2021). Com o acesso à cultura comprometido, os meios para adquirir livros necessitaram ser adaptados ao contexto de distanciamento e isolamento social.

Existem variadas concepções sobre um conceito estabelecido de livro digital. Em umas das definições, Browne e Coe (2012) afirmam que *e-books* (termo derivado de *electronic book*, livro eletrônico) são livros com certo volume de páginas em formato digital, que podem “nascer digitais” (nato digitais) ou serem digitalizados (representação digital). Textos originariamente digitais possuem vantagens em relação àqueles que tiveram a página impressa replicada em uma tela digital.

Para aprofundar mais as noções iniciais quanto ao conceito de livros digitais, Serra (2014, p. 241) propõe que:

Um livro digital é um objeto com texto ou outro conteúdo que é o resultado da integração do conceito tradicional de livro com as características que podem ser proporcionadas pelo ambiente eletrônico. Além disso, os livros digitais apresentam

funções de pesquisa e referência cruzada, hiperlinks, marcadores, anotações, destaques e acessos a ferramentas interativas.

Conforme Fenerick e Silva (2015) a utilização e a popularização das tecnologias de informação e comunicação têm como um de seus principais produtos a mudança no comportamento do usuário. Os jovens leitores possuem mais facilidade com recursos digitais, o que não exclui a utilização destes por outras gerações. A atração exercida pela tecnologia pode ser favorável ao hábito de leitura.

Apoiado por Furtado (2019, p. 426) “[...] A ciberliteratura, como uma nova proposta estética que exige a tela para seu acesso, estende originais possibilidades para as práticas de leitura, fixando padrões comportamentais que afetam os modos de consumo da narrativa literária”.

Diante disso, as gerações Y (ou *millenials*, nascidos de 1982 e 1994), Z (ou *centennials*, nascidos entre 1995 e 2010) e Alpha (nascidos a partir de 2010), pertencentes ao âmbito das facilidades da tecnologia desde o nascimento, são alguns dos usuários que esperam que as bibliotecas incluam em seus espaços as características inovadoras e autônomas de leitura.

Furtado (2019) defende que as transformações ocorrem em curtos períodos de tempo e o contexto das tecnologias digitais exige destas gerações competências de leitura e escrita de múltiplas linguagens, onde a forma de acesso e consumo de informações são diferenciadas na *web*.

Mediante ao contínuo avanço tecnológico, das mudanças na vida em sociedade trazidas pela pandemia do Covid-19, e a Universidade como um espaço de formação acadêmica e de produção do conhecimento científico, ficou a inquietação em saber se as práticas de leitura dos estudantes de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão tiveram o seu estilo alterado no período pandêmico, e ainda, se os livros digitais faziam parte desta nova forma de ler.

Conduzida por estes olhares, a investigação teve como questões norteadoras: Qual a contribuição dos livros digitais para a prática de leitura dos discentes de Biblioteconomia durante a pandemia? E ainda, se esta experiência alterou a percepção para a sua futura profissão de Bibliotecário? A partir dessas questões norteadoras foram delimitados os objetivos desta pesquisa.

Foi estabelecido como *objetivo geral*: Analisar o impacto dos livros digitais nas práticas de leitura dos discentes de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão durante o período pandêmico. Para os objetivos específicos, foram definidos: (1) comparar a

utilização dos livros digitais pelos discentes de Biblioteconomia antes, durante e depois da pandemia; (2) verificar as motivações dos leitores de livros digitais na pandemia do Covid-19; (3) identificar como ocorreu o acesso aos livros digitais, (4) mapear as barreiras para o uso de livros digitais e (5) conhecer as percepções dos discentes do curso de Biblioteconomia da UFMA sobre a sua atuação futura como bibliotecário no contexto tecnológico pós-pandêmico.

O interesse em pesquisar mais sobre o tema desta pesquisa nasceu da afinidade da autora com livros digitais, conhecimentos acadêmicos advindos das cadeiras na Universidade sobre tecnologias inovadoras de leitura e experiência própria de uma rotina vivida durante o isolamento social, em que os livros se tornaram verdadeiros aliados.

A relevância desta pesquisa pode ser vista como uma forma de entender o papel da leitura como ação positiva de saúde mental, enfatizada pelo período pandêmico, analisar o consumo de livros digitais nos períodos situados entre: pré-pandêmico, pandêmico e pós-pandêmico, além de debater sobre a atuação dos futuros e profissionais Bibliotecários na modernidade com literatura digital e física.

Como procedimentos foram adotadas as pesquisas bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica com revisão de literatura auxiliou no embasamento teórico dos argumentos expostos ao longo da pesquisa, utilizando autores como Chartier (1988), Procópio (2013), Silva (2013) Baptista (2014), Kama (2016), Rosa, Reis e Souza (2021), Thompson (2023) e outros autores que se mostraram relevantes nesta construção. A pesquisa de campo esteve destinada a análise que os livros digitais detêm na prática da leitura dos estudantes de Biblioteconomia em São Luís-MA.

Para o alcance dos objetivos da pesquisa, que esclareceu desde o trajeto da organização até a realização da pesquisa, a metodologia está descrita na seção 4, finalizando na análise e discussão dos dados obtidos.

Contemplando o contexto para a realização da pesquisa, este estudo se divide em: *Introdução*: contextualização, objeto de pesquisa, problema, objetivos e justificativa. *Referencial teórico*: definições, características do livro digital, breve histórico do livro físico e digital, novas perspectivas para as bibliotecas universitárias. *Metodologia*: trajetória metodológica da pesquisa *Análise e discussão dos resultados*: analisou os dados obtidos na pesquisa por meio dos questionários aplicados via *Google Forms* em diálogo com o referencial teórico. *Conclusão*: conclui que houve aumento da leitura de livros digitais durante o período pandêmico, constata que os futuros profissionais de Biblioteconomia estão cientes da utilização de livros digitais nos espaços de trabalho e sugere investigações futuras sobre a prática de leitura dos livros digitais.

## 2 LIVRO DIGITAL: definições, características e breve histórico

Nesta seção, abordaremos algumas das definições atribuídas ao livro digital, assim como considerações sobre o livro físico e breve trajetória do livro digital, desde seu surgimento aos dias atuais.

Para Macedo (2012) no ambiente digital, que se tornou uma realidade essencial da vida para milhões de seres humanos, os livros não poderiam mais ficar presos ao papel e já não podemos negar como os livros digitais fazem parte do cotidiano de milhares de pessoas.

“As pessoas estão se comunicando e gastando seu tempo de forma diferente, velhas práticas que funcionavam bem em uma era anterior podem não ser mais tão eficazes neste novo mundo de fluxos digitalizados de informação e comunicação” (Thompson, 2023, p. 20).

De fato, vivemos mudanças profundas na procura e uso da informação devido às transformações tecnológicas, especialmente a popularização da *internet* (Souza, 2022). Seja na tela de um celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo de leitura de textos, os livros digitais se apresentam acesso entre os leitores e o conhecimento. Os livros digitais podem ser consumidos em uma infinidade de mídias, suportes e dispositivos.

Conforme exposto por Chartier (1988) o texto na tela cria uma organização e estruturação que em nada se assemelha aos livros da Antiguidade ou aos livros manuscritos e impressos. Há possibilidade para o leitor de entrecruzar e correlacionar textos em uma mesma memória eletrônica, o que indicam que a revolução do livro digital é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.

Segundo Procópio (2013, p. 13) a revolução supramencionada se apresenta como:

O termo ‘revolução dos eBooks’ foi primeiramente usado pela eBooksBrasil.org, atualmente o site mais antigo de eBooks, no ar desde 1999. A revolução dos eBooks representa um momento histórico em que o mercado editorial mundial perdeu toda a sua hegemonia sobre o processo de publicação e exploração comercial dos livros. As ferramentas digitais desenvolvidas a partir da democratização das mídias possibilitaram a interferência direta de novos personagens no mercado, e a democratização proporcionou o acesso irrestrito aos modos de produção dos livros e a seu consumo, acesso e leitura.

A revolução dos *e-books* assegurou a democratização da publicação para os autores e a exploração comercial para novos agentes em sua cadeia de valor. Nunca na história o livro esteve tão próximo dos leitores: a apenas um clique de distância (Procópio, 2013).

De acordo com Lopes e Mügge (2021, p. 1):

As transformações geradas pela era digital são uma realidade cada vez mais consolidada e onipresente no cotidiano de grande parte das sociedades contemporâneas. Nesse novo contexto, a tecnologia digital modifica esferas da vida

diária dos indivíduos, sobretudo, as práticas culturais. Logo, antigos hábitos e produtos são transformados.

Com a crescente popularização dos livros digitais, proporcionada tanto pelo surgimento de leitores digitais quanto por dispositivos e softwares capazes de disponibilizar o arquivo para o leitor. Contudo, é preciso entender o que seria exatamente este novo conceito de livro proporcionada pela revolução dos livros digitais.

Os livros digitais não apresentam, ainda, uma definição aceita universalmente. Percebemos as diferentes variações ao estudarmos a literatura sobre o tema. Para Silva (2013) a definição de livros que nascem ou são transformados em formato digital, pode ser representativa do livro digital.

Para Rozados e Reis (2016, p. 2) a definição de livros digitais é estabelecida da seguinte forma:

[...] o e-book, livro eletrônico, digital ou virtual, é um livro que existe exclusivamente em formato digital, não periódico, que necessita de um aparelho leitor e de um software para decodificação que viabilize sua leitura. Pode conter texto, imagem, áudio e vídeo, permite a inclusão de comentários pelo leitor, bem como o controle e ajuste de nuances de brilho, cor e tamanho da fonte.

Vassiliou e Rowley (2008, p. 363) propõem uma definição de livros digitais dividida em duas partes:

(1) Um e-book é um objeto digital com conteúdo textual e / ou outro, que surge como um resultado da integração do conceito familiar de um livro com recursos que podem ser fornecidos em um ambiente eletrônico. (2) E-books, normalmente têm recursos em uso, como pesquisa e referência cruzada funções, links de hipertexto, favoritos, anotações, destaques, multimídia, objetos e ferramentas interativas.

Kama (2016) apresenta uma das controvérsias na tentativa de conceituar o livro digital, em que, por muitos momentos a definição se mistura ao próprio aparelho de leitura do livro digital. Novos modelos de negócios atribuíram o livro digital ao *e-reader*, fazendo com que a história do livro digital se confunda com as suas tecnologias de suporte.

Conforme Souza (2022, p. 797):

[...] o livro digital pode ser visto como mais um formato, como são os livros em brochura, em capa dura e de bolso. Ainda assim, um novo formato pode transformar a nossa relação com os livros, como aconteceu no início do século XX com o surgimento de coleções de baixo preço e destinadas às massas.

Sobre o tema, Ribeiro (2011) contribui que se um objeto serve para: conservar a memória da criação intelectual humana, especialmente a textual, cujo formato seja (digital ou não), possui páginas e cadernos organizados e divididos e tendo natureza analógica ou digital,

muito provavelmente será um livro. Pode-se dizer que um livro é um livro, em papel e/ou em pixel.

Diante do exposto, não é possível chegar a um consenso sobre o que viria a ser o livro digital para a comunidade acadêmica, o mercado editorial e para as autoridades estatais. O certo é que o mercado editorial já possui alguns conceitos definidos desse suporte. Talvez o conceito nem importe tanto, já que os seus objetivos estão sendo alcançados (Kama, 2016, Rozados; Reis, 2016).

Agora que estabelecemos alguns das definições difundidas sobre o que significa “livro digital”, trataremos de características essenciais dos livros digitais, para agregar conhecimento quanto a sua utilização.

O livro digital pode influenciar a maneira que os indivíduos fazem suas leituras. Isto porque caracteriza pela possibilidade de disseminação rápida de conteúdo, pela facilidade de atualização e correção do texto e pelo potencial colaborativo e interativo e proporciona ao leitor a interação com o escritor e a ausência de intermediários na produção e na comercialização (Rodrigues, 2014).

Sobre as vantagens da utilização do livro digital, Procópio (2010) aponta que são ferramentas importantes na disseminação do conhecimento por causa da diversidade de plataformas tecnológicas de leitura à disposição do leitor – computadores, *tablets*, *e-readers*, *smartphones* – e pela possibilidade de acesso rápido através da *web* ao seu conteúdo informacional, o que remove as barreiras geográficas que interferem no acesso à informação.

A leitura do e-book é feita de forma linear ou não, dependendo do que o leitor escolher, uma vez que há possibilidade de clicar em links durante a leitura possibilitando, por exemplo, acessar as notas explicativas e voltar ao texto novamente. É proporcionado ao leitor escolher em qual dispositivo fará a leitura, e com a disponibilização de recursos multimídias a leitura pode tornar-se mais dinâmica e agradável. Em alguns casos, além disso, o leitor tem a possibilidade de escolher em alguns dispositivos, o tipo e o tamanho da fonte. A leitura pode ser feita diretamente da internet de forma on-line ou então o e-book pode ser baixado (download) para leitura posterior (Batista, 2018, p. 16).

Há aspectos benéficos atribuídos aos livros digitais, combinado com seus suportes de leitura. A capacidade de armazenamento é gigante, a versatilidade é atraente e conta ainda a opção em alguns leitores digitais como o *Kindle*, de iluminação embutida, a qual o leitor pode ajustar a luz conforme for mais confortável para a visão.

Podemos citar alguns aplicativos gratuitos para leitura de formatos digitais em *smartphones*: *Moon+ Reader*, *Ebook Reader*, *Bookari*, *OverDrive*, *Scribd*, *Wattpad*, *Aldiko Book Reader*, *Bluefire Reader* e *FB Reader*. Estes aplicativos oferecem funções diversas,

dentre elas: marcação, realce, anotações, pesquisa de dicionário, pesquisa contextual, compartilhamento, é possível também alterar o espaçamento entre as linhas dos textos, o tamanho das fontes e cor do fundo das páginas.

Dentre os principais benefícios dos livros digitais, podemos citar: maior comodidade (o livro pode chegar às mãos do leitor em menos de um minuto); economia de dinheiro (em geral, um livro digital é 30% a 70% mais barato que o livro impresso, dependendo do gênero e local de compra e há casos em que é gratuito); grande interatividade (os modelos de *e-reader* possuem Wi-Fi, permitindo conexão com redes sociais, tradutores e dicionários *online*); redução de espaço físico (milhares de livros digitais podem ser armazenados em apenas um dispositivo); maior portabilidade (o dispositivo pode ser levado a qualquer lugar) e possibilidade de leitura no escuro (muitos dispositivos possuem iluminação embutida) (Coutinho; Pestana, 2015).

Embora tenhamos abordado as vantagens dos livros digitais, no entanto, eles não estão isentos de desvantagens, como veremos a seguir.

Assim como todo aparelho tecnológico, existe o consumo de bateria, o que provoca a inconveniência em ter que carregar a bateria do aparelho de leitura em intervalos regulares. Há ainda detalhes que só os livros impressos podem proporcionar, como o querido “cheirinho de livro novo”, estimado por muitos leitores. O tipo e cor do papel também são fatores que agradam aos olhos dos leitores.

Muitas pessoas consideram a luz emitida pelos dispositivos, por longos períodos, excessiva e desconfortável. Rosenfield (2011) comenta sobre os problemas de visão advindos da longa exposição a tela digital, em que é muito comum o aparecimento de patologias oculares que podem estar associadas ao uso de dispositivos eletrônicos de leitura pelo uso contínuo.

Outro fator é a diferenciação estética, pois o formato do livro digital não muda, apenas seu conteúdo, diferentemente do livro impresso. O contato com outras pessoas também é perdido, já que não há mais necessidade em se deslocar para alguma livraria, biblioteca, sebo entre outros, para adquirir uma obra (Coutinho; Pestana, 2015).

Sobre o fator estético, Lopes e Mügge (2021, p. 9) defendem que:

Trata-se de um fator insuperável que o objeto possui: a possibilidade de confecção de alguns volumes com diagramação e estética diferenciada, um verdadeiro trabalho artístico, realizado especificamente para aquela edição. Essa possibilidade se perde no digital.

A chegada dos livros digitais, não se perdeu o gosto pelo livro físico. Apesar de algumas décadas do livro digital ter aparecido, o livro impresso ainda permanece nas preferências dos leitores (Alvim, 2022).

Não é sábio afirmar que o livro impresso será substituído pelo digital nos próximos anos. Caso aconteça, será um processo lento que deverá acompanhar a formação de novas gerações de leitores. Renunciar à textura do papel, da comodidade de poder utilizá-lo sempre, do contato íntimo com o que está escrito são ações que requerem tempo e consequente aquisição de novos valores (Thompson, 2023).

Para Thompson (2023, p. 17), os livros digitais não suprimirão os livros físicos, mas sim, conviverão pacificamente:

Com base em padrões recentes, minha opinião é que o futuro da publicação de livros, pelo menos nos próximos anos, não será uma mudança unidirecional do impresso para o digital, mas sim uma economia mista de impresso e digital. O que provavelmente veremos no mundo dos livros é uma *cultura de coexistência entre o impresso e o digital*: os livros na era digital prosperarão em uma cultura híbrida em que a impressão e o digital coexistem lado a lado, em vez de um ofuscar o outro.

Considerando estes fatores para cada formato do livro, as preferências pessoais são decisivas na escolha entre livros físicos ou *e-books*, há aqueles que prezam pela sensação de algo real nas mãos e outros que priorizam a praticidade de uma leitura digital.

Sobre isso, Batista (2018, p. 20) expõe que:

Alguns leitores gostam de sentir a textura do livro físico, o passar de páginas entre os dedos e isso é uma desvantagem do e-book. O cheiro que o livro novo exala também é um ponto positivo para o livro físico ao invés do eletrônico. A interação com a tecnologia pode ser mais uma desvantagem para o e-book, uma vez que algumas pessoas podem ter dificuldades para utilizar as novas tecnologias e por esse fato preferem o livro físico.

A leitura é movimento de sentidos: tato, olfato e visão. Para muitos leitores, o toque é condição para o leitor e a leitura. O toque é referente ao deslize dos dedos sobre a matéria, a saliva nos cantos da página, a conexão é complementada pelo cheiro de papel novo ou velho e da tinta exalada pelo papel (Macedo, 2012).

Pode-se falar também do preço dos recursos tecnológicos, que nem todos podem arcar, o que pode levar a questão da exclusão digital.

A era atual, caracterizada pelas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs), tem promovido transformações em diversos setores da sociedade, gerando uma recente realidade social marcada pelas novas formas de dominação, desigualdades e exclusões. [...] Como a desigualdade social favorece a exclusão digital e, esta por sua vez reforça a desigualdade social, é preciso uma nova postura e um novo olhar por parte do governo para diminuir o quadro perverso da desigualdade brasileira (Grossi; Costa; Santos, 2013, p. 71).

O acesso à *internet* e a outros meios digitais no Brasil ainda é bastante restrito, o que exclui muitos brasileiros da chamada democratização da informação. Isso porque além do preço, a necessidade de aquisição de um hardware torna esse acesso ainda mais difícil (Mesquita; Conde, 2008).

Gerlin e Chagas (2022, p. 112) comentam sobre a exclusão digital:

Com a pandemia o espaço virtual é expandido requerendo competências e habilidades comunicativas necessárias ao diálogo entre os sujeitos que enfrentam diferentes níveis de dificuldades de acesso à informação e aos recursos tecnológicos, para que se possa minimizar mundialmente a exclusão digital e social.

De acordo com Silva, Silva e Freire (2018, p. 162):

No *Livro Verde* [...] o conceito de universalização, além do caráter evolutivo, decorrente da crescente velocidade das TDICs, deve também abranger o de democratização, pois os indivíduos precisam estar capacitados para tornarem-se usuários dos serviços promovidos pelas tecnologias, além de serem provedores de conteúdos.

Os autores refletem ainda que o acesso à informação é imprescindível, no entanto:

[...] o uso de TDICs, simplesmente pelo seu ato, não significa que há inclusão digital. Pensar em inclusão digital significa, inicialmente, cumprir com a democratização da informação para acesso e uso dos mais diversos tipos de sujeitos. [...] o usuário deve compreender o que está fazendo e construir conhecimentos, aos quais serão usados nos âmbitos culturais, econômicos, sociais, políticos etc., de maneira crítica e autônoma (Silva; Silva; Freire, 2018, p. 166).

Portanto, é necessário promover a integração social, oferecendo oportunidades aos que estão excluídos, possibilitando assim a chance de uma vida cidadã com cultura, conhecimento e dignidade.

Embora, se tenha, ainda, um cenário social contraditório no acesso às tecnologias, redes digitais e, particularmente à leitura formal, a leitura digital tem se tornado cada vez mais uma realidade em nosso dia a dia. Sua presença, portanto, ilustra a inevitável mudança nos meios e modos digitais contemporâneos. No entanto, não se pode inferir que os livros tradicionais serão sumariamente trocados pelos digitais, o livro e a leitura tradicionais coexistirão ao lado dos digitais (Thompson, 2023).

Independente do formato, a parte mais importante do livro é o conteúdo. E este é o objeto de trabalho do bibliotecário: o conteúdo, a mensagem, a informação (ou qualquer outro nome que deem) que os livros veiculam. Não se trata de ignorar a história do objeto, mas de trazer à tona a importância do seu conteúdo para a leitura, processo que é a razão de ser da existência do livro (Silva, 2013).

Rozados e Reis (2016, p. 1) fortificam esta afirmação:

[...] é possível acreditar na possibilidade de democratização e socialização da leitura. Observa-se que a questão principal não é mais o livro e sim o conteúdo, a informação contida nele, independentemente de seu formato. Esse novo formato de livro influencia diretamente as bibliotecas e os bibliotecários, por isso essa discussão é necessária.

Os *e-books*, como uma nova forma de leitura, podem gerar maior interesse pela ação de ler e até desencadear um hábito de leitura. Se os bibliotecários, enquanto agentes da informação e do incentivo à leitura contribuírem para isso, seria um grande passo para o acesso à informação. Portanto, é importante se ater as mudanças que ocorrem ao nosso redor e fazer com que a tecnologia trabalhe a nosso favor, para atrair os que desejam usufruir das vantagens tecnológicas.

## 2.1 Livro físico

Sempre que uma nova realidade se forma à nossa frente, é necessário olhar para trás e pensar no que foi feito até aqui. Antes de existir o livro como artefato de retransmissão de informação, da forma como o conhecemos hoje, houve outras formas de registro do conhecimento humano. A informação básica a respeito das coisas passou, com a invenção do alfabeto, do modo oral, falado, para o modo escrito (Procópio, 2013).

De acordo com Lopes e Mügge (2021, p. 2):

O formato do livro, mostra-nos a história, já sofreu várias alterações: sua origem remonta às tábuas de argila e, desde aí, até chegar aos e-books, passou pelos rolos de papiro e pergaminho, códices de papel manuscritos, impressos ou produzidos industrialmente em larga escala. As transformações se deram de acordo com o suporte e a disponibilidade técnica de cada época, bem como para atender às necessidades e projetos das sociedades que os produziram. Logo, o livro é um objeto historicamente situado em um contexto social, que lhe atribui valor.

Conforme Kama (2016) um dos principais objetos de aprendizagem, registro informacional e de guarda da memória humana, o livro, possui uma carga riquíssima de significados para a compreensão do mundo, além de ser ele mesmo uma fonte inesgotável de informações. Daí a importância do estudo de sua história para tentar compreender o seu futuro e o futuro da humanidade.

Assim sendo, é interessante abordarmos, além da evolução dos suportes do livro, a história da leitura e da escrita, que sempre coexistiram juntas. Com o intuito de observar o futuro ao mesmo tempo que lidamos com problemas do presente, é necessário um estudo do passado.

O surgimento da escrita e da leitura foi um processo evolutivo e constante na história. À medida que iam evoluindo, os seus suportes também eram aperfeiçoados de forma a atender melhor o indivíduo que ali inseria e/ou absorvia informação (Baptista, 2014).

De acordo com Mesquita e Conde (2008) os primeiros registros escritos de 4.000 a.C. marcaram o fim da Pré-história e o início da História da Humanidade. No começo, eram desenhos ou esculturas, eram feitos sobre pedra, argila ou madeira, materiais pesados que eram difíceis para utilizar e armazenar.

Quando a escrita foi inventada, o livro ainda não existia. E não existia a organização das informações. Há quatro ou cinco mil anos, na antiga Mesopotâmia, atual Iraque, houve um salto na utilização da escrita como método de registro, organização, armazenamento e compartilhamento de ideias. Segundo o especialista em tablets cuneiformes, o russo naturalizado norte-americano Zecharia Sitchin, ‘deuses desceram dos céus à Terra para ensinar o novo homem a melhor se comunicar’ (Procópio, 2013, p. 20).

Como afirma Baptista (2014) a escrita surgiu há cerca de 40 mil anos, quando imagens eram pintadas pelos homens nas paredes das cavernas, e foi adquirindo características muito próprias em diversos povos. Então, observa-se que as histórias da evolução da escrita e dos livros andam juntas.

As escritas mais antigas conhecidas são as sumerianas, acadiana, egípcia e chinesa. Os sumérios foram o grupo cultural dominante do Oriente Médio durante 1500 anos, onde cultivaram uma grande literatura, deixando como registros arquivos e documentos de um vasto e complexo sistema jurídico, administrativo, comercial e religioso (Baptista, 2014, p. 15).

De acordo com Kama (2016) umas das escritas mais significativas de que se tem conhecimento é a cuneiforme, por ser um dos primeiros registros a trazer carga semântica em seus códigos. Surgiu na Mesopotâmia em 3000 a.C., criada pelos Sumérios e possui esse nome por ser uma escrita produzida com auxílio de objetos em formato de cunha.

A leitura era aprendida através do ato de escrever nas tabuletas de argila. Este suporte era lido sobretudo pelos escribas. Mas há indícios de tabuletas escolares achadas em ruínas de maiorias das residências mais abastadas de Ur, antiga região da Mesopotâmia. Com isso, conclui-se que a capacidade de ler atingiu também a esfera doméstica desse povo (Baptista, 2014).

Como exposto por Kama (2016) algumas dessas placas de argila eram numeradas e seguiam uma lógica semântica. Outro exemplo, são os pugilares, tabuletas de madeira forradas com cera, que permitiam que se “apagasse” (raspando) o texto escrito para escrever um novo, sobreposto. Eles foram utilizados no Egito, China, Grécia e Roma, por volta de 3000 a.C.

Aproximadamente 2200 a.C. os egípcios desenvolveram a tecnologia do papiro como uma alternativa mais flexível e leve, sendo então mais prático para registrar informações e

fazer leituras. *Cyperus papyrus* ou *Papyrus spectabilis* é uma planta que produz celulose em abundância, sendo assim foi muito utilizada no velho Egito (Baptista, 2014).

Quanto ao processo de preparação do papiro para a escrita, Mesquita e Conde (2008, p. 1-2) explicam que:

Obtido utilizando a parte interna, branca e esponjosa, do caule do papiro, ele era cortado em finas tiras posteriormente molhadas, sobrepostas, cruzadas e prensadas. A folha obtida era martelada, alisada e colada ao lado de outras folhas para formar uma longa fita que era depois enrolada. A escrita dava-se paralelamente a essas fibras. Apesar do engenhoso processo de “fabricação”, ele foi usado durante muito tempo e ainda hoje guarda valiosos escritos daquela época.

O papiro mostrou-se como o primeiro exemplar do que se conhece hoje como papel. Logo o mundo antigo conheceu essa nova técnica e o Egito se tornou o grande e único exportador de papiro para o oriente e para o ocidente, já que guardou segredo da técnica para si (Kama, 2016).

Figura 1 – Fragmento de Papiro *Abusir da University College* (UC 32769). O mais importante conjunto de documentos administrativos que sobreviveu do Império Antigo V dinastia (c. 2465 a 2323 a.C.)



Fonte: LÓPEZ, Francisco. Papiro de Abusir (2003)<sup>1</sup>.

O uso do papiro e a capacidade de lê-lo era restrito as elites. Quando um escravo tinha acesso a este suporte e tinha condições de decifrá-los, era para de forma oral transmitir sua mensagem ao seu senhor. Mesmo nessas condições sua leitura era feita de forma bem precária (Baptista, 2014).

<sup>1</sup> Disponível em: <https://egiptologia.org/fuentes/papiros/abusir/uc32769.htm>. Acesso em: 06 jan. 2022.

Segundo Kama (2016) folhas de papiro eram coladas umas às outras em forma de rolo em um bastão e armazenada horizontalmente. Esse formato exigia do seu leitor o uso das duas mãos, uma para cada ponta do rolo.

De acordo com Benício e Silva (2005) a importância do Papiro deve-se a:

O papiro atravessou séculos, levando a cultura do Egito a outros povos e oferecendo ao homem a oportunidade de realizar o seu maior desejo: a comunicação e o diálogo. Permitiu não só a preservação da memória cultural, mas serviu de testemunho da história dos materiais usados pelo homem.

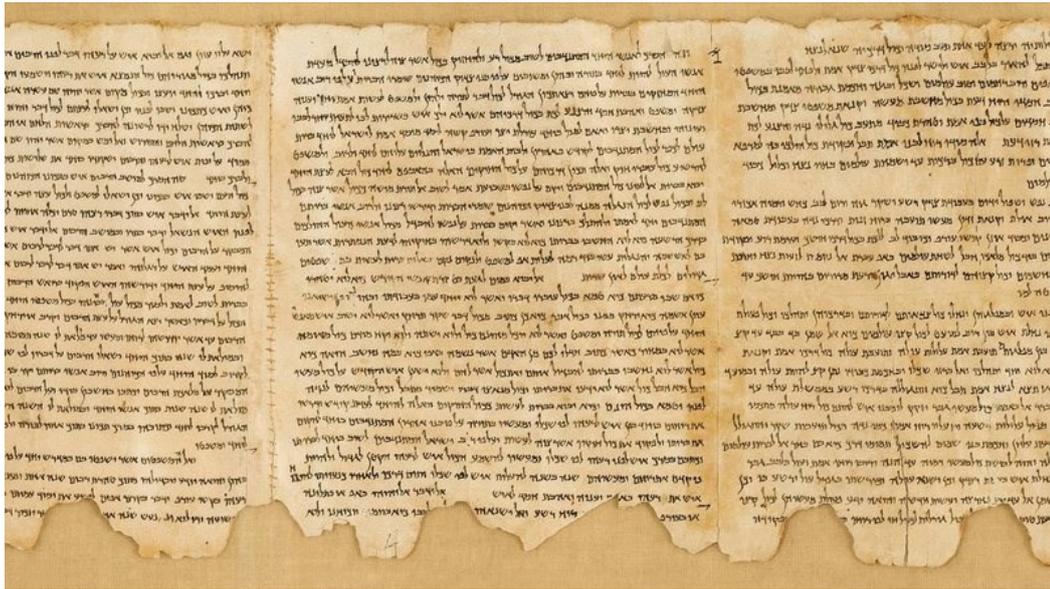
Com o passar dos tempos o material foi se tornando cada vez mais caro devido a sua raridade, levando a necessidade de criar outros meios de suporte para suprir a falta crescente do papiro que se tornava ainda mais graves em períodos de guerra. A escassez crescente do papiro no mercado foi devido ao progressivo desaparecimento da planta, o que fez com que o papiro se tornasse um material raro e caro. O papiro começou a ter seu fim por volta do século VII e existe registro de sua utilização até o século XII em algumas regiões europeias (Baptista, 2014).

Quase ao mesmo tempo do que acontece o aparecimento do papiro, surge, na Turquia, no século II a.C., o segundo suporte mais importante para a história do livro: o pergaminho. Sua descoberta é atribuída a Eumenes II, rei de Pérgamo, que tentava com essa nova invenção fugir do monopólio egípcio do papiro (Kama, 2016).

Com a necessidade de criar algo mais duradouro para registro de ideais, fatos e comunicação, este novo suporte era feito com peles de animais. Derivado da pele de carneiro, cabrito e outros, era raspado, curtido e amaciado para o uso, e devido à complexidade da sua confecção este suporte possuía preços bem elevados (Baptista, 2014).

Esse novo suporte trouxe algumas novidades para o mundo da escrita e da disseminação da informação. De característica mais durável que o papiro, o pergaminho podia viajar longas distâncias sem rasgar ou se desmaterializar, além de conseguir suportar as baixas temperaturas da Europa (Kama, 2016).

Figura 2 – Pergaminho dos Manuscritos do Mar Morto



Fonte: BUONO, Vinicius. Aventuras na História (2019)<sup>2</sup>.

É observado que, durante algum tempo o pergaminho era utilizado da mesma maneira que o papiro, sendo escrito apenas no reto, onde era enrolado para constituir um volumen. Mais tarde foi descoberto que, diferentemente do papiro que se escrevia somente no reto, o pergaminho podia ser escrito no reto e no verso (Baptista, 2014).

Conforme Kama (2016) os pergaminhos permitiam a possibilidade de “apagar” a escrita neles contida e escrever outra, novamente. Esse tipo de tecnologia possibilitou a descoberta moderna de muita história “apagada” na Idade Média, escrita por trás de textos em palimpsestos.

A utilização do pergaminho se deu devido à praticidade de ser possível dobrá-lo e costurá-lo, o que levou à generalização dos códex ou códice (Baptista, 2014). Após ser dobrado, o pergaminho também passou a ser costurado, formando assim o códice. O pergaminho permitiu, portanto, o surgimento de livros como os atuais (Almeida, 2015).

A palavra códex significa bloco de madeira, e indica um conjunto de tabuletas e escritas, costuradas ou unidas por um fio de cordão. Todas as folhas eram escritas na frente e no verso, como nos livros produzidos atualmente. O códex unia pergaminhos sobre o mesmo assunto, em um único volume, constituindo um livro (Baptista, 2014).

Para Rosa, Reis e Souza (2021, p. 54):

[...] foram diversas as revoluções que a leitura vivenciou, particularmente a partir do códice, momento em que o livro adquire a concepção física que permanece até hoje,

<sup>2</sup> Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/cientistas-descobrem-o-segredo-da-preservacao-dos-manuscritos-do-mar-morto.phtml>. Acesso em: 06 jan. 2022.

reunião de folhas presas a um dorso. A leitura na Antiguidade mobilizava, em certa medida, o corpo do leitor que precisava de mãos livres para ler em rolos. A partir do códice, as mãos do leitor, agora liberadas, passaram folhear o livro [...].”

O códice fez com que o leitor conquistasse sua liberdade ao não ser mais necessário manusear os pergaminhos com as duas mãos. As páginas costuradas propiciaram a existência da paginação, dos índices, das referências e principalmente, a movimentação sem barreiras ao leitor.

Figura 3 – Codex Gigas. Maior manuscrito iluminado medieval existente no mundo



Fonte: LINCOLINS, Thiago. Aventuras na História (2019)<sup>3</sup>.

O pergaminho suplantou o papiro apenas no século IV d.C., e foi o principal suporte de livros, cartas e diversos escritos no mundo até o século XIV, quando o papel ganha popularidade na Europa e se mostra um suporte ideal para o fabrico de livros (Kama, 2016).

Sobre a origem do papel, Baptista (2014, p. 24) assegura que: “A invenção do papel é atribuída aos chineses por volta de I d.C. Por mais de 600 anos, os chineses mantiveram sigilo sobre o primeiro sistema de fabricação de papel”.

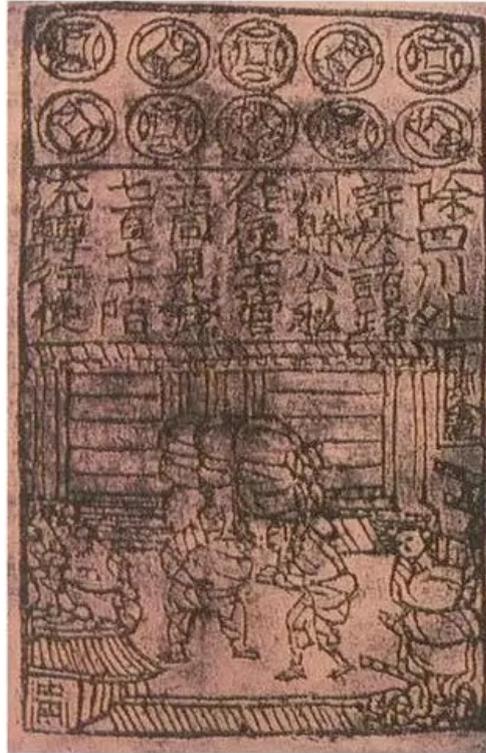
Em um primeiro momento o papel não compete com o pergaminho, por ser um material mais caro e não ser tão requintado. A sua utilização no mundo ocidental começa no século XVI, quando o pergaminho fica escasso no mercado (Kama, 2016).

<sup>3</sup> Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-biblia-do-diabo-codex-gigas.phtml>. Acesso em: 07 jan. 2022.

Para Almeida (2015) o papel foi vital para o impulso comercial do livro, ademais de ser leve e dobrável, o papel tinha a possibilidade de padronização, diferente das peles de animais.

Com a produção crescente e aceitação cada vez maior, o papel substituiu os demais suportes, sendo o de maior uso entre os povos (Baptista, 2014).

Figura 4 – Exemplo de Papel Moeda Chinês



Fonte: BBC News/Brasil (2017)<sup>4</sup>.

O papel tem destaque por se firmar como uma nova forma de registro da escrita e da informação. A invenção da imprensa e a utilização do papel, proporcionou acessibilidade ao livro, configurando-se numa tecnologia revolucionária ao viabilizar um maior acesso e disseminação da informação (Benício; Silva, 2005).

Observamos como o livro e seus suportes se transformaram ao longo do tempo: com os tabletes de argila, o papiro, o pergaminho, o códice e finalmente o papel, são mudanças que trazem consigo a necessidade que cada sociedade possuía para sua utilização. E mais uma revolução aconteceu: através da tipografia.

De acordo com Araújo (2016) o conceito de leitura sofreu modificações ao longo da história da cultura escrita, pois, em cada lugar e em cada época, o ato de ler difere-se na

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-40850733>. Acesso em: 07 fev. 2022.

medida em que mudanças de suporte, disponibilidade de materiais escritos e demandas sociais de leitura e escrita são transformadas.

Com a tipografia foi possível a impressão de livros em larga escala, o que proporcionou a comercialização e conseqüente disseminação de debates políticos entre a sociedade (Burke, 2012; Baptista, 2014).

Sobre o tema, Rodrigues (2012, p. 190) explica que:

A cópia manuscrita de originais era muito cara e bem controlada pela corporação dos copistas, pela Igreja e pelo Estado, por isso disponível apenas aos mais ricos e influentes. O livro impresso representou não apenas uma opção de qualidade e mais acessível comercialmente, como também aumentou incrivelmente a liberdade da sociedade com relação à leitura; foram afrouxadas as proibições devido à impossibilidade de controlar uma demanda crescente por livros de todos os tipos.

Conforme Rosa, Reis e Souza (2022) ocorreu a chegada de novos leitores das camadas populares da sociedade, dentre os quais mulheres, crianças, e operários, ou seja, aqueles que estavam ou não na escola. Leitores passaram a ter maior acesso às teorias, conhecimento, informações que até então eram restritas a pequenos grupos.

De acordo com as ideias de Procópio (2013) o artefato livro se tornou o conjunto de folhas em forma de caderno que conhecemos depois que o alemão Johannes Gutenberg aprimorou um modo em 1448, ainda um pouco rudimentar, mas bastante prático, de se registrar informação e conhecimento em um suporte mais barato e popular.

Letras de chumbo, uma a uma, eram montadas em palavras, linhas e páginas podendo ser substituídas quantas vezes fosse necessário - o que possibilitou a correção de erros e o reuso dos tipos, em uma prensa de tipos móveis. A velocidade na produção tornou-se maior e de melhor qualidade que a dos manuscritos (Mesquita; Conde, 2008).

Com a tecnologia aprimorada por Gutenberg, o registro do conhecimento humano deu mais um salto quantitativo. Documentos anteriormente à disposição apenas de reis e de uma elite religiosa, ganharam maior acessibilidade depois que a sua manufatura possibilitou economia de escala.

Apesar de Gutenberg não ter sido o único a pesquisar como imprimir textos, os chineses foram os primeiros a utilizar tipos móveis bastante rudimentares, seu método conquistou maior notoriedade por ser eficiente e econômico, com um tipo móvel de metal que podia se juntar a outros para formar palavras e frases encadeadas em linhas ordenadas (Rodrigues, 2012).

Almeida (2015) discute que a importância de Gutenberg está na eficiência técnica que seu equipamento alcançou, mesmo que não tenha inventado a maioria dos artificios, seu

molde ajustável permitiu que um modelo fosse repetido milhares de vezes. Além de ter inventado uma tinta à base de óleo que aderiria aos moldes de metal perfeitamente.

A indústria tipográfica difundiu-se rapidamente pela Europa e Novo Mundo. A demanda por leitura era intensa, a qual, as cópias manuscritas não podiam suprir. Ideias renascentistas também contribuíram para a urgência em transmitir conhecimento o mais rápido possível. A tipografia influenciou decisivamente para as transformações históricas, apoiando uma matriz lógica de pensamento que proporcionou transformação de mentalidade.

Rodrigues (2012, p. 196) discute a contribuição do livro para mentalidade dos leitores:

A escrita impressa foi gradativamente se popularizando no ocidente e em meados do século XIX havia atingido seu apogeu como principal mídia de transmissão de conhecimentos. A literatura, paulatinamente, foi refletindo e também reafirmando o movimento de privatização da cultura, em que se substituíam epopéias heróicas por protagonistas de dramas pessoais. Assim, o livro ajudou sobremaneira a incorporação psicológica e social do individualismo moderno.

O livro desempenha importante função para a leitura do mundo, essa importância provém talvez do seu poder de registro e resgate do conhecimento, o que são capazes de impulsionar o desenvolvimento não apenas de indivíduos, mas de todo um grupo social (Macedo, 2012).

O livro possui seu valor desde a sua gênese; sua história pode ser pensada de forma a revisitar toda evolução de seu suporte, da sociedade que o rodeou e de seus leitores (Kama, 2016)

Esta evolução, que segue desde a antiguidade com o uso da: cera, argila, madeira, pedra, papiro, pergaminho e papel é mais uma vez representada pelos dispositivos digitais, como a tela do computador, do *tablet*, do celular, que transformaram as formas de apropriação e leitura dos textos.

Sobre esta transformação, vivida não só entre os leitores, como também com a própria criação do livro, Procópio (2013, p. 19) analisa que:

Por ser um dos últimos artefatos na digitalização dos meios de comunicação, o livro foi aquele que provou a centenas de antigos empresários editoriais, anteriormente convictos de suas verdades imutáveis, que o mundo havia mudado. E, para aqueles que há tempos vinham tentando encontrar uma espécie de lugar ao sol no mercado editorial, havia mudado para melhor.

Conforme observamos durante a transição dos livros manuscritos para a indústria tipográfica, o anseio, necessidades e procura da população são fatores decisivos para que os suportes de leitura expandam seus horizontes e alcancem o desenvolvimento inevitável da sociedade. Procópio (2013) reflete que o mercado foi obrigado a reinventar o livro porque o

mercado em si passou por uma reinvenção. E um dos maiores desafios do mercado era criar algo, sem perder o que já existia.

De acordo com as reflexões de Araújo (2016, p. 24) sobre o que se mostra verdadeiramente importante sobre os suportes de leitura:

Percebemos, então, pela trajetória das transformações do suporte ao longo dos séculos, grandes e decisivas alterações na cultura escrita, desde a produção, a reprodução, a preservação até a difusão do escrito, mas, com o advento da tecnologia digital, encontramos algumas soluções e, também, desafios. Dentre eles, apontamos um que permanecemos na busca de superá-lo, independente do suporte: ampliar o acesso à leitura e à escrita de textos literários.

Muito se discute sobre o futuro do livro impresso, se este desaparecerá ou conviverá simultaneamente com o livro digital. Pois, conforme Ribeiro (2011, p. 7): “[...] não se pode, portanto, falar em substituição ou em extinção, mas em uma genealogia”. Ou seja, o livro segue um florescimento constante, como pudemos ratificar na presente subseção, tornando objeto de variadas gerações.

Neste estudo, não temos a intenção de desfavorecer um formato em detrimento ao outro, somente analisar as mudanças que ocorreram ao longo do tempo em relação ao uso e aceitação dos livros digitais. Para isso, apresentamos a seguir breve contextualização da origem dos livros digitais.

## 2.2 Trajetória do livro digital

Percebemos como Gutenberg revolucionou a impressão e edição de livros, o que antes era manual se tornou mecânico. O livro se converte em um objeto portátil e muito mais acessível aos povos. A partir daí, projetos para aprimorar a experiência de leitura começam a surgir, com objetivo de impulsionar a portabilidade e a possibilidade da leitura simultânea.

Conforme Garber (2013) um destes projetos é remetido ao século XVI, mais precisamente ao ano de 1588. O engenheiro italiano, Agostino Ramelli expressou seu desejo de criar uma “roda de livro”, um aparelho capaz de permitir que o leitor pudesse ter contato com vários livros ao mesmo tempo. Em seu livro *The Various and Ingenious Machines of Agostino Ramelli*, o engenheiro detalha que a roda de livro seguiria a mesma lógica de outras rodas da época: rotacionar livros em lógica de relógio, diante do leitor, que utilizaria a força das mãos ou pés para mover o livro desejado a sua disposição.

O aparelho, no entanto, não foi construído na era de Ramelli, vindo a se materializar pela primeira vez em 1986 pelo arquiteto Daniel Libeskind e posteriormente replicado por outros artistas (Garber, 2013).



Figura 5 – A roda de livro (BookWheel) de Agostino Ramelli

Fonte: GARBER, Meghan. *The Atlantic* (2013)<sup>5</sup>.

Ainda no escopo dos projetos visionários, Vannevar Bush publica na revista *The Atlantic Month*, em 1945, o artigo: “*As we may think*”, em que apresenta sua ideia de máquina de leitura, chamado MEMEX (*Memory Extension*). Neste dispositivo o usuário armazenaria todos os seus livros, jornais, revistas, artigos, anotações e comunicações, podendo pesquisar, criar, editar e associar estes arquivos de modo rápido e prático (Almeida, 2015).

Para Macedo (2012) este seria o primeiro protótipo de uma máquina de leitura, com um conceito familiar aos leitores digitais da atualidade. Bush pretendia que seu invento se tornasse um grande repositório de informações, sendo assim, um incentivador para a difusão democrática de informações.

Depois que a *internet*, a mídia das mídias, transformou drasticamente as indústrias de telecomunicações, entretenimento, música, games, cinema e o modo como assistimos à tevê, ouvimos rádio e lemos jornais e revistas, o artefato livro se tornou a última fronteira na digitalização dos meios de comunicação (Procópio, 2013).

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2013/02/ behold-the-kindle-of-the-16th-century/273577/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

Mas, como aconteceu essa passagem do livro físico para o digital? É preciso que voltemos para as fases de evolução dos suportes de leitura e os arquivos lidos por eles.

Desprender-se de um suporte de leitura para se adaptar a um novo suporte é uma tarefa às vezes difícil, principalmente para aqueles leitores que nasceram em uma sociedade que fazia uso exclusivamente do suporte anterior (Araújo, 2016).

Desde o surgimento da máquina de prensar criada por Gutenberg, o livro se tornou importante produto comercial e de difusão de informações e conhecimentos. a máquina criada por Gutenberg possibilitou a cópia em grande quantidade de livros a partir de uma única matriz feita de metal e com tipos móveis (Virginio; Nicolau, 2012).

De acordo com Virginio e Nicolau (2012) os avanços tecnológicos e as necessidades do homem moderno permitiram a criação, ainda na década de 70 de uma nova forma para a publicação de obras: os livros digitais. Estes surgiram através de um projeto liderado por Michael Hart, o Projeto Gutenberg que visava a produção e distribuição gratuita de livros digitais.

O Projeto Gutenberg, para diversos autores, foi um verdadeiro marco zero na história do livro digital. O ano de 1971 é atribuído como a origem da existência do livro publicado em formato digital, quando o professor norte-americano Michael Hart fundou uma biblioteca *online* com disponibilização gratuita de livros digitais.

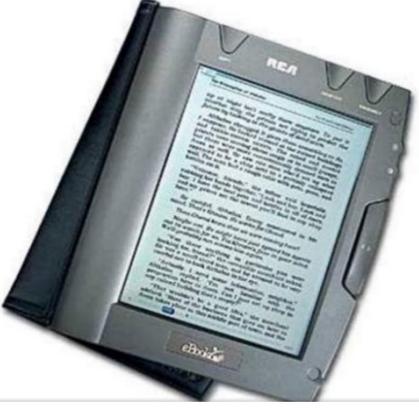
Neste sentido, Ribeiro (2017, p. 121) comenta sobre a produção dos novos livros digitais: “O fato é que os modos mecânicos de produzir livros, como a tipografia, foram cedendo espaço a formas mais ágeis e menos custosas de escrever, diagramar e imprimir, ou mesmo de publicar e fazer circular os textos”.

Conforme Kama (2016) Gutenberg alterou o formato de rapidez de fabrico do livro ao dar uma nova possibilidade de fabricação do códice com suas prensas. Com o livro digital, houve uma revolução, a qual sua maior característica seja, talvez, a desvinculação do papel na construção do livro.

O projeto Gutenberg de Hart, foi precursor de uma possibilidade real e eficiente de distribuição de conteúdo e acesso à informação. Em 1990 surgem as primeiras bases de dados de informação digital, que em 2000 se tornariam as Bibliotecas Digitais. Em primeiro momento os livros digitais eram vendidos em CD-ROOM ou instalados nos computadores pessoais (Kama, 2016).

Nessa perspectiva, Procópio (2010) comenta que em 1998 foi lançado o primeiro *e-reader* (leitor eletrônico): o *Rocket eBook da NuvoMedia* e logo após surge o *SoftBook Reader* pela empresa *Soft Book Press*, ambas ligadas ao mercado editorial. Foram os

primeiros dispositivos digitais capazes de armazenar conteúdo digital dos livros, com especificações próprias a este tipo de leitura.

Figura 6 – <i>SoftBook Reader</i>	Figura 7 – <i>Rocket eBook</i>
	
<p>Fonte: SAUERS, Michael. Flickr (2014)<sup>6</sup>.</p>	<p>Fonte: PENCE, James H. Wordserve Water Cooler (2012)<sup>7</sup>.</p>

Serra e Silva (2013, p. 5) enfatizam a chegada destes dispositivos no mercado:

Com o avanço da internet nos anos 1990, a distribuição de informação através de redes aumentou consideravelmente e, conseqüentemente, a oferta e utilização de livros eletrônicos. Paralelamente ao lançamento de livros digitais, o mercado de dispositivos para leitura encontrou um grande crescimento no ano de 1998 quando duas empresas lançaram produtos impactantes: a SoftBook Press lançou o Softbook Reader e a NuevoMedia Inc, o Rocket eBook. Ambos dispositivos eram capazes de armazenar em formato digital cerca de 3.000 mil páginas com textos, gráficos e imagens.

Estes primeiros leitores eletrônicos apresentavam alguns problemas, como: peso, de quase meio quilo, as telas pareciam com computadores ao invés de páginas e não havia muitas opções de livros digitais para escolha, sendo necessário conectar-se a um computador para baixá-los (Loureiro, 2020).

Sobre os leitores eletrônicos, Lourenço (2004) explica que são aparelhos portáteis, com tela plana de cristal líquido, de tamanho e formato semelhantes aos de uma brochura. Além de livros, permitem a leitura de jornais, revistas e outros documentos digitais com funções multimídia. Nos leitores eletrônicos, não é preciso a utilização de um aplicativo, apenas inserir o arquivo no dispositivo. Porém, é importante atentar-se aos formatos de documento compatíveis com o aparelho escolhido, como *epub*, *mobi*, *pdf*, *rtf*, *doc*, entre outros.

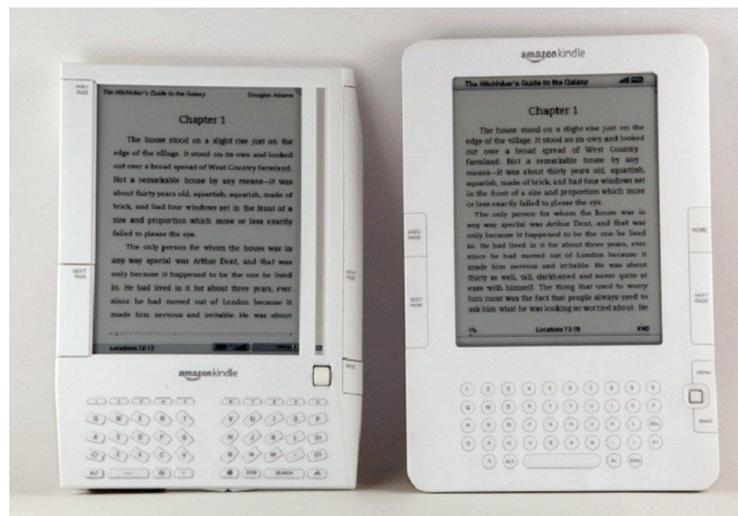
<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/travelinlibrarian/15043338551>. Acesso em: 12 fev. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://wordserwatercooler.com/2012/07/13/a-brief-history-of-publishing-the-rise-and-fall-of-the-rocket-ebook/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

Conforme Loureiro (2020) outras empresas, como a *Sony*, desenvolveram leitores digitais que traziam consigo tecnologias mais próximas ao que os leitores buscavam nestes dispositivos, telas menos parecidas com computadores, mais leve e fino. No entanto, não conseguiram dominar os catálogos de livros digitais. Nisso, a *Amazon* de Jeff Bezos saiu na frente, devido ao relacionamento com grandes editores, eles sabiam o que os editores queriam e transformaram os livros digitais em opções atrativas para distribuição.

Os livros digitais começam realmente a se popularizar quando a *Amazon* lançou o leitor *Kindle* em novembro de 2007, afirma Failla (2016). No começo, a iniciativa da Amazon era concentrada apenas no mercado norte-americano, e *Kindles* e livros digitais não estavam disponíveis a leitores de outros países. Em outubro de 2009 a Amazon lançou uma versão internacional do *Kindle* e passou a oferecer livros digitais em suas lojas internacionais.

Figura 8 – Primeiras gerações de *Kindles*



Fonte: LOUREIRO, Juliano. Bingo! (2020)<sup>8</sup>.

O lançamento do *Kindle* de primeira geração revolucionou o mercado ao qual está inserido. Aprimorado, chegou aos leitores com bateria de longa duração, permitindo uso de até 30 horas antes da recarga. Essa autonomia de bateria deve-se a tecnologia E-ink, partículas de pigmentos de esferas minúsculas que formam imagens entre duas camadas de material transparente e também passa a sensação de estarmos lendo uma página de papel (Loureiro, 2020).

Segundo Kama (2016, p. 42):

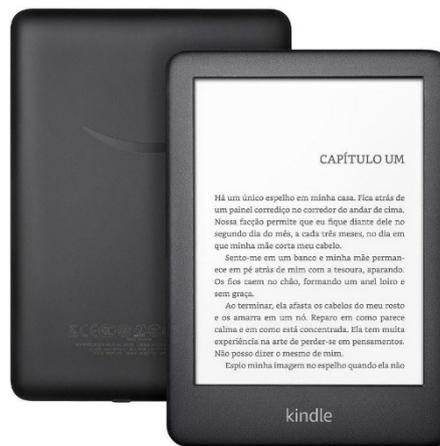
Após a Amazon, outros dispositivos foram lançados no mercado, como o Sony Reader, da própria Sony; o Nook, da gigante Barnes & Noble; e o Kobo, entre

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.livrobingo.com.br/a-historia-do-kindle>. Acesso em: 12 fev. 2022.

outros; todos com modelos de negócio prontos para o usuário adquirir seu livro eletrônico em segundos. Mas não só os e-readers ajudaram na popularização do livro eletrônico nos anos 2000. Foi também nessa década que a empresa Apple lançou, em 2010, o seu primeiro tablet, o iPad. A partir de então, vários outros modelos de outras empresas surgiram no mercado. Esse é um dos dispositivos mais usados para leitura de livros eletrônicos atualmente, em conjunto com os e-readers – criados especificamente para fins de leitura –, os computadores e os smartphones com suas potentes telas.

Com o passar dos anos os leitores eletrônicos foram se aperfeiçoando a cada novo lançamento, os Kindles da Amazon estão atualmente na 11ª geração, com aparelhos a prova d'água, o Kindle Oasis.

Figura 9 – Kindle 10ª geração



Fonte: Amazon (2023)<sup>9</sup>.

E não somente em leitores eletrônicos os livros digitais podem ser lidos. A diversidade de dispositivos para acesso é uma das vantagens em relação aos livros digitais. O leitor pode acessá-los pelo computador, celular, *tablet*, *notebook*, nem sempre sendo obrigatório o acesso à *internet*.

Livros publicados em meios digitais são nada mais do que resultantes de um processo natural advindo do crescimento das tecnologias digitais. Portanto, o livro, como objeto de conhecimento e valor ao homem, não estaria excluído deste contexto. Assim como aconteceu com o aparecimento da prensa de tipos móveis no século XV, em que se viu o desenvolvimento na produção e obtenção de livros, no contexto atual, a necessidade é a mesma.

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.amazon.com.br/dp/B09SWTG9GF/?\\_encoding=UTF8&ref\\_=sv\\_kinc\\_5](https://www.amazon.com.br/dp/B09SWTG9GF/?_encoding=UTF8&ref_=sv_kinc_5). Acesso em: 02 dez. 2023.

Na Sociedade da Informação (SI), com sujeitos fomentadores de novas tecnologias que disseminem o conhecimento, encontram-se os bibliotecários que precisam gerenciar, neste contexto, seus espaços de informação.

Sobre esta questão, Benício e Silva (2005) opinam que o processamento da informação apresenta constantes mudanças com a inserção das Tecnologias de Informação. O sistema de informação eletrônica é uma realidade para acesso e uso da informação na área da Biblioteconomia, com as “bibliotecas sem paredes” facilitadoras da disseminação da informação em tempo real. Setores como processamento técnico, armazenamento e serviço de referência são diretamente afetadas pela inserção do livro digital na rotina dos usuários.

O conhecimento é uma fonte de poder na sociedade, logo, o livro digital pode representar uma alternativa de compartilhamento democrático do saber. Não obstante, devemos considerar o desejo de alguns grupos em não compactuarem com novas tecnologias de leitura, o que limitaria a “democratização” da informação.

Não podemos negar, no entanto, que a chamada Revolução Digital modificou nossos modos de leitura e os efeitos destas transformações trouxeram novas formas de pensar, agir e interagir em sociedade.

Em decorrência desse cenário apresentado, e na perspectiva de analisar o impacto dos livros digitais nas práticas de leitura dos discentes de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão durante o período pandêmico; é que apresentamos o *lócus* em que a pesquisa se desenvolve, ou seja, o espaço universitário.

### 3 NOVAS PERSPECTIVAS PARA AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

A prática de leitura é fundamental na formação, produção do conhecimento e novos olhares para o mundo em que estamos inseridos. Por isso, é necessário conhecer no âmbito das universidades (local em que ocorre o ensino, a pesquisa e extensão) como essas práticas ocorrem, uma vez que, as mudanças tecnológicas, além de alterarem a forma de disseminação da produção científica, literária e artística trazem novas linguagens e a possibilidade de uso de outros suportes informacionais (Rosa; Reis; Souza, 2021).

Nesse fio condutor e considerando que as Bibliotecas Universitárias (BUs) fazem parte das bases que amparam o ensino, a pesquisa e extensão (os três eixos indissociáveis do ensino superior brasileiro) na universidade em que se encontre inserida, estas deverão contribuir com a aprendizagem acadêmica a partir da produção intelectual, científica, cultural.

Sobre este tema, Matos (2021, p. 55) expõe que:

A biblioteca universitária é uma instituição de grande relevância dentro do ambiente acadêmico, pois sendo a universidade um espaço de formação e produção do conhecimento, com vista ao desenvolvimento humano e tecnológico, a biblioteca se torna uma das principais ferramentas no auxílio a pesquisa, ensino e extensão.

Para Zaninelli, Reis e Peres (2021) a BU é uma importante unidade informacional que busca colaborar na produção de conhecimento científico, desse modo, ao estar intrinsecamente associada às atividades acadêmicas, auxilia na formação profissional e no progresso da sociedade.

A BU também exerce o papel de educadora no processo ensino-aprendizagem, assim como sua participação na geração de conhecimento para a sociedade, por meio de práticas educacionais (Santa Anna, 2017).

Em relação ao lugar que as bibliotecas ocupam na sociedade, Rosa e Oddone (2006, p. 184) definem que: “Convivendo com outros meios digitais de armazenamento e acesso à informação, o conhecimento que circula na sociedade ainda tem no livro o seu principal meio e nas bibliotecas o local para a guarda do acervo e da memória de um povo”.

Conforme Araujo *et al.* (2021) as BUs promovem a construção do pensamento crítico, fazendo com que os usuários da biblioteca se tornem capazes de tomar decisões de forma autônoma, garantindo sua funcionalidade enquanto auxiliadoras na formação de cidadãos.

Ao pertencer a uma instituição de ensino superior, a BU é não somente ambiente de informação, como também ambiente educativo e de mediação cultural com essencialidade na construção do conhecimento. O bibliotecário é, portanto, mediador imprescindível no

ambiente das bibliotecas; nas BUs este profissional está presente para atender da melhor forma as necessidades informacionais da comunidade acadêmica (Kushnir; Pieruccini, 2019).

De acordo com Araujo *et al.* (2021, p. 99): “[...] o bibliotecário inserido em uma unidade de informação que desenvolve projetos culturais deve ter uma atuação ativa e permanente auxiliando no processo de crescimento e desenvolvimento do ser humano como indivíduos cidadãos”.

As bibliotecas universitárias e os bibliotecários possuem funções sociais, Araujo *et al.* (2021, p. 99) explicam que:

Dentro do contexto de bibliotecas com função sociocultural, o bibliotecário é considerado um profissional social e na sua missão está a facilitação do acesso à informação aos indivíduos, além de incentivar o desejo de aprender e de discutir, colaborando com a formação do conhecimento.

No ambiente informacional em constante evolução no qual estão inseridas as BUs, estratégias em relação aos serviços prestados devem ser muito bem planejadas. O bibliotecário deve conhecer o perfil do seu público e oferecer produtos e serviços de informação que vão ao encontro de suas necessidades (Bragança *et al.*, 2016 apud Zaninelli; Nogueira; Peres, 2019).

Segundo Zaninelli, Reis e Peres (2021) a mudança no comportamento dos usuários em relação ao ambiente físico da biblioteca e o rápido processo de inovação das tecnologias de informação, são determinantes para que os serviços sejam pensados com cuidado para a comunidade da biblioteca.

Concernente a este assunto, Santa Anna (2015, p. 8), afirma que:

Assim sendo, as BUs surgem e se mantêm fiéis até o presente momento como centros de aprendizagem, cultura e educação em prol da universidade. No entanto, as inúmeras transformações sociais desencadearam novas necessidades aos usuários, devendo as unidades adequarem-se a novos contextos, utilizando-se de novas tecnologias, a fim de atenderem as exigências e propostas da comunidade universitária.

Nesse processo de mudança nas práticas sociais nas diversas gerações, a evolução tecnológica tem um papel relevante no que respeita às interações entre as pessoas e, por consequência, no processo de compartilhamento da informação entre elas (Zaninelli *et al.*, 2016).

Para Santa Anna (2015, p. 10) neste contexto de evoluções tecnológicas:

[...] nota-se que a explosão informacional e as TICs caminham atreladamente, sendo a consolidação da internet, por meio do ciberespaço, uma alternativa viável para proporcionar estrutura apropriada a disseminar a informação, favorecendo o trabalho das bibliotecas, bem como dos usuários da informação.

Podemos estabelecer um paralelo entre as gerações de nativos digitais, que possuem intimidade com a tecnologia, e as ofertas dos produtos e serviços de informação que atendam às exigências tecnológicas, uma vez que estes são e serão os atuais e futuros usuários desses ambientes (Zaninelli *et al.*, 2016).

Os usuários criaram novas expectativas em relação ao uso do espaço e dos serviços ofertados nas bibliotecas, evidenciadas ainda mais diante da pandemia do Covid-19. Novas abordagens foram implementadas para a utilização do espaço físico e conseqüentemente as funções e competências dos profissionais que ali trabalham também se alteraram.

Devido as medidas sanitárias de combate ao vírus, as bibliotecas universitárias seguiram os protocolos de biossegurança e tiveram os seus espaços físicos fechados, ocasionando, dessa forma, inúmeros desafios frente às reconfigurações de funcionamento, com novos obstáculos para conduzir a gestão das equipes e as demandas informacionais dos seus usuários (Malheiro; Milione; Batista, 2023).

As atividades das bibliotecas universitárias precisaram ser revistas e adaptadas em um curto período de tempo e as tecnologias se mostraram fundamentais para que o funcionamento não parasse.

Segundo Malheiro, Milione e Batista (2023, p. 101):

Com a chegada da pandemia e o fechamento das universidades, [...] as bibliotecas de diversos segmentos precisaram rever o seu contexto, a sua organização, priorizando e adaptando alguns serviços, com tempo muito reduzido para o planejamento.

Ainda Malheiro, Milione e Batista (2023) conhecer e implementar protocolos, estabelecer ações, diretrizes e planos para uma retomada segura das atividades presenciais foi essencial para dar continuidade à oferta dos produtos e serviços das bibliotecas universitárias.

As bibliotecas universitárias foram, então, desafiadas a inovar para oferecer serviços e produtos informacionais de forma *online* aos seus usuários e à sociedade em geral. Sendo assim, a oferta de serviços informacionais *online* foi potencializada para que mantivesse a conexão entre usuários, serviços e produtos a serem prestados.

Não obstante, nas bibliotecas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) foi estabelecido o Protocolo de procedimento de segurança para reabertura das bibliotecas da Diretoria Integrada de Bibliotecas (DIB)-UFMA. Neste protocolo, a DIB apresentava as precauções a serem tomadas em todas as bibliotecas integrantes da Diretoria, divididas em três momentos: preparação do ambiente (adequação dos espaços para atender as novas demandas de segurança), entrega de *tablets* a discentes contemplados em edital da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil e devolução de materiais informacionais emprestados, além

de oferta de empréstimo domiciliar por agendamento (Diretoria Integrada de Bibliotecas - UFMA, 2020).

A organização das bibliotecas da UFMA aconteceu de modo que ações foram instituídas e adaptadas para o enfrentamento do Covid-19. Algumas das ações previstas pelo Protocolo de procedimento de segurança para reabertura das bibliotecas da DIB-UFMA, determinava: limpeza dos acervos, sinalização em pisos para delimitar o distanciamento de 2m entre mobiliário e entre usuários, reorganização do *layout* dos espaços administrativos, funcionamento das bibliotecas do campus em dias e horários estipulados, atendimento presencial ao público somente através de agendamento remoto e elaboração de materiais para treinamento de usuários a serem ofertados por meio das plataformas virtuais da UFMA (Diretoria Integrada de Bibliotecas-UFMA, 2020).

Estas ações foram instituídas no sentido de diminuir o número de contágios por COVID-19 e permitiram que as bibliotecas universitárias continuassem a cumprir com o seu papel e dispor seus produtos e serviços, bem como, disponibilizar informações confiáveis em meio a tanta desinformação disseminada principalmente em redes sociais nesse período.

Para Malheiro, Milione e Batista (2023) assim como os diversos setores que compõem e mantêm a teia do capital em funcionamento, as bibliotecas universitárias têm sofrido transformações de toda a ordem, sejam políticas, ambientais e tecnológicas, não obstante, o objetivo deve sempre permanecer o mesmo: fornecer suporte informacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão, auxiliar na geração, preservação e difusão do conhecimento.

Na manutenção destes elos, o fazer bibliotecário está imerso na realidade dialogada desta seção, devendo buscar, portanto, sua profissionalização e atualização, para que esteja presente e atuante nas necessidades informacionais dos usuários, independente das tecnologias e suportes que se desenharem ao longo do tempo, enquanto difusores de informação.

Tendo em vista as reflexões sobre a Biblioteca Universitária, e o panorama da pandemia que impulsionaram os questionamentos para esta investigação, mobilizamos nas seções subsequentes o delineamento metodológico e as análises resultantes das inflexões provocadas pelo isolamento social e a utilização do livro digital pelos discentes do curso de Biblioteconomia da UFMA.

## 4 METODOLOGIA

A pesquisa ora desenhada se encontra ancorada na pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Sendo, também, caracterizada como exploratória e descritiva.

Quanto ao procedimento metodológico, será abordado a relação da utilização dos livros digitais como incentivo à leitura entre estudantes de Biblioteconomia em São Luís, durante a pandemia do Covid-19. Na perspectiva de alcançar os objetivos desta pesquisa, o estudo exploratório fora realizado no período contemplado entre o segundo semestre do ano de 2022 e o segundo semestre do ano de 2023.

O planejamento que dá início ao trabalho científico é a pesquisa bibliográfica, pois, as ideias dos autores adicionadas aos pensamentos a serem concretizados, ajudam no embasamento e relevância dos argumentos expostos ao longo do trabalho (Stumpf, 2005). Diante da literatura sobre a temática, conforme os autores Vassiliou e Rowley (2008); Procópio (2010); Browne e Coe (2012), Silva (2013) e Eloy (2014).

Para realizar a busca dos materiais na literatura que sustentassem a pesquisa, foram utilizadas as palavras-chave: livros digitais, Covid-19, pandemia, história do livro, história do livro digital e bibliotecas universitárias. As bases de dados e repositórios utilizados para mineração das informações foram as seguintes: SciELO, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *The Networked Digital Library of Theses and Dissertations* (NDLTD), *La Referencia*, Oasisbr, Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP) e Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI).

Após esta ação, procedeu-se a leitura, análise e fichamento dos arquivos selecionados, objetivando, dessa forma, a extração de informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, as pesquisas bibliográfica e exploratória contribuíram para realizar um referencial teórico sobre o tema, explorar e descrever qualitativamente a utilização dos livros digitais pelos alunos de Biblioteconomia antes e depois da pandemia; as motivações dos leitores de livros digitais durante a pandemia do Covid-19; o acesso e leitura de livros digitais e as barreiras para o uso de livros digitais.

Não obstante, para a coleta de dados, foi utilizado um questionário semiestruturado na plataforma *Google Forms* em modo *online*, por permitir maior abrangência, maior uniformidade das perguntas, favorecer a tabulação das respostas e seguir os protocolos de segurança contra o Coronavírus.

O motivo da escolha da plataforma supracitada para a realização desta pesquisa deve-se ao fato desta ferramenta ser disponibilizada por uma empresa mundialmente reconhecida, com segurança e agilidade no tratamento das informações obtidas. Dessa forma, buscamos coletar informações sobre as opiniões dos usuários quanto ao espaço que os livros digitais possuem nas suas práticas de leitura.

Além de fácil acesso por parte dos que se propuserem a responder o questionário, uma vez que funciona em todas as plataformas, possui *layout* de fácil utilização, inclusive, para os menos adeptos das novas tecnologias. Vale ressaltar que a plataforma do *Google Workspace* é utilizada pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como apoio tecnológico as atividades acadêmicas, com uso autorizado a partir do período pandêmico (UFMA, 2022).

Sobre o método *online* de recolha de dados, Apostolico e Egry (2013, p. 951) afirmam que: “O uso do meio digital para coleta de dados minimiza os erros de preenchimento, transcrição e tabulação dos dados, tornando a coleta por este meio altamente viável.”. Com a massificação do uso da *internet*, a utilização de questionários *online* passou a ser uma prática recorrente para a realização de pesquisas acadêmicas e de mercado, visando formas mais rápidas e objetivas na coleta, organização e no processamento de dados da pesquisa (Costa; Orsini; Carneiro, 2018).

Como o questionário esteve disponível *online*, pode ser enviado diretamente ao dispositivo do respondente. Foi inserido no questionário o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), (Apêndice A).

O questionário foi elaborado com perguntas fechadas e abertas, direcionadas a conhecer as práticas de leitura digital dos respondentes durante a pandemia. O universo da pesquisa foi constituído pelo curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão e os sujeitos, discentes do referido curso de graduação.

Para a apuração da amostra, o critério que deveria ser atendido para validar a participação, era que os participantes estivessem ativamente matriculados no curso de Biblioteconomia durante a modalidade de ensino remoto, compreendendo os anos de 2020 a 2022, e que se encontram representados no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Alunos ativos no curso - ano 2020 a 2022

Ano/Período	Quant. de alunos ativos
2020	33
2021	52
2022	40

Fonte: dados obtidos na Coordenação do Curso de Biblioteconomia. (jan./2024).

Antes do questionário ser aplicado em sua forma final, realizamos um pré-teste para validação. Tendo a participação de um grupo de 05 (cinco) participantes que verificaram se as perguntas estavam compreensíveis, após, compartilharam suas considerações gerais sobre a organização do questionário.

A aplicação do instrumento para coleta de dados da pesquisa aconteceu de forma *online* durante 20 dias (01 de outubro até 20 de outubro de 2023) em grupos do *Whatsapp* e envio nos *e-mails* institucionais dos discentes de Biblioteconomia com a colaboração da coordenação do curso de Biblioteconomia e coordenação de monografia.

O questionário atingiu o número de 56 (cinquenta e seis) respostas válidas. Possuía perguntas fechadas e abertas, sendo ao todo 24 (vinte e quatro) perguntas, dentre elas, 13 (treze) com uma opção de resposta, 01 (uma) pergunta com até 02 (duas) opções de resposta, 04 (quatro) perguntas de livre seleção e 03 (três) perguntas abertas. As perguntas abertas não foram determinadas como obrigatórias pois dependiam de uma resposta positiva da questão anterior a elas.

O questionário apresenta 8 (oito) categorias de perguntas: identificação, práticas de leitura, livros digitais e físicos, biblioteca digital, fazer bibliotecário, unidades de informação e livros digitais.

O Quadro 2 descreve o problema da pesquisa, objetivo geral e estabelece a correlação dos objetivos específicos com as perguntas elaboradas para o questionário. Esta correlação confirma se o Questionário (Apêndice A) responde as proposições formuladas pelos objetivos específicos.

Quadro 2 – Correlação dos objetivos com o instrumento questionário aplicado

<b>Questões de partida:</b> Qual a contribuição dos livros digitais para a prática de leitura dos discentes de Biblioteconomia durante a pandemia? E ainda, se esta experiência alterou a percepção para a sua futura profissão de Bibliotecário?	
<b>Objetivo geral:</b> Analisar o impacto dos livros digitais nas práticas de leitura dos discentes de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão durante o período pandêmico.	
<b>Objetivos específicos:</b>	<b>Perguntas realizadas (Apêndice A)</b>
a) Comparar a utilização dos livros digitais pelos discentes de Biblioteconomia antes, durante e depois da pandemia.	Perguntas 7, 8 e 9
b) Verificar as motivações dos leitores de livros digitais na pandemia do Covid-19.	Pergunta 4
c) Identificar como ocorre o acesso e leitura de livros digitais.	Perguntas 5, 6 e 15
d) Mapear as barreiras para o uso de livros digitais.	Pergunta 13
e) Conhecer as percepções dos discentes do curso de Biblioteconomia da UFMA sobre a sua atuação futura como bibliotecário no contexto tecnológico pós pandêmico.	Perguntas 19 e 20

Fonte: a autora (2023).

## 5 LIVROS DIGITAIS NA PRÁTICA DE LEITURA DOS DISCENTES DE BIBLIOTECONOMIA NO PERÍODO DA PANDEMIA DO COVID-19

Esta seção visa discutir os resultados obtidos a partir dos dados levantados para o cumprimento dos objetivos desta pesquisa. Os dados obtidos foram essenciais para compreendermos o fenômeno estudado e relacionarmos os resultados com os argumentos teóricos expostos ao longo da investigação.

Com intuito de atingir os objetivos propostos, foi elaborado questionário *online* de característica exploratória, que, de acordo com Mattar (1996) é apropriado para os primeiros estágios de uma investigação, pois o conhecimento e compreensão do fenômeno são insuficientes para o pesquisador. Conforme Gil (2008) a pesquisa exploratória objetiva descrever características específicas de determinada população, possibilitando estabelecer relações entre variáveis.

O questionário foi aplicado a 56 (cinquenta e seis) participantes voluntários que cumpriram o critério de estarem matriculados no curso de Biblioteconomia durante o período de aulas remotas no período de 2020.1 a 2022.2.

Quadro 3 – Faixa Etária

Idade	Quantidade de respondentes
16-18 anos	01
19-24 anos	23
25-35 anos	26
36-45 anos	04
46-60 anos	02

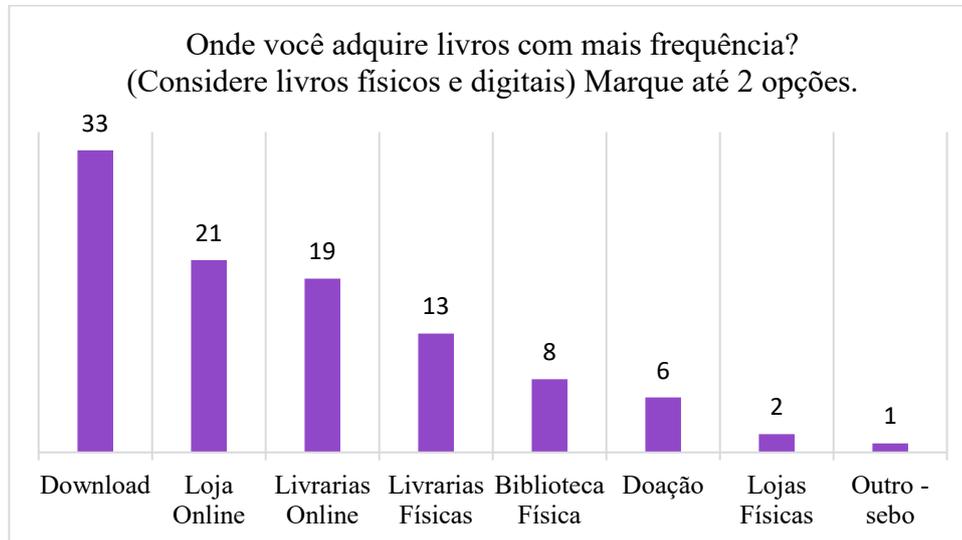
Fonte: dados da pesquisa (2023).

Estes resultados, Quadro 3, nos dão a dimensão da faixa etária da maioria dos respondentes, idades estas pertencentes as gerações Y (ou *millennials*, nascidos de 1982 a 1994) e Z (ou *centennials*, nascidos de 1995 a 2010). Estas gerações são consideradas natos digitais, encontram-se inseridas em um contexto de tecnologias, conectividade global e marcadas pela *internet* (Furtado, 2019).

Conforme defendido por Fenerick e Silva (2015) e Furtado (2019) as gerações citadas são consideradas multitarefas, independentes, consumidores e exigentes. Por essa exigência em seus comportamentos as gerações buscam nos espaços que frequentam e objetos que utilizam as facilidades tecnológicas das quais são conhecedores. Isso justifica serem

familiarizados com as evoluções digitais, utilizarem as novidades *online* e haver receptividade para as ferramentas digitais que existem.

Gráfico 1 – Locais que adquirem livros físicos e digitais com mais frequência



Fonte: dados da pesquisa (2023).

Em relação aos locais que os participantes da pesquisa adquirem livros com mais frequência, conforme ilustrado pelo Gráfico 1 (foi dada a possibilidade de marcarem até 2 opções). Sendo, portanto, o retorno da seguinte forma: o *download* foi a opção mais procurada, com 33 (trinta e três) respondentes, seguida por Loja *Online* e Livrarias *Online*: 21 (vinte e um) respondentes e 19 (dezenove) respondentes respectivamente. As Livrarias Físicas aparecem com 13 (treze) respondentes, Biblioteca: 8 (oito) respondentes, Doação: 6 (seis) respondentes, Lojas Físicas: 2 (dois) respondentes e Sebo: 1 (um) respondente.

Percebemos que os 3 (três) primeiros lugares são voltados ao ambiente digital: *download*, loja *online* e livrarias *online*. As lojas *online* e livrarias *online*, permitem a compra do exemplar de modo eficiente e seguro; com um clique o livro fica disponível para uso.

No que respeita aos *downloads*, observamos que são práticos, rápidos e muitas vezes oferecem possibilidades gratuitas. *Google Livros*<sup>10</sup>, *Cultura Acadêmica*<sup>11</sup> e *Domínio Público*<sup>12</sup> são alguns sites que disponibilizam livros digitais gratuitos com obras literárias e acadêmicas. Aplicativos como *Kindle*, *Livroh* e *Wattpad* oferecem livros digitais de graça, são compatíveis com sistema *Android* e *iOS* e a depender da plataforma, não é necessário cadastro para sua utilização (Mannara; Sousa, 2022).

<sup>10</sup> Disponível em: <https://books.google.com.br/>.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.culturaacademica.com.br/>.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>.

Todavia, a cópia não autorizada é facilitada por existirem *sites* que disponibilizam materiais e livros digitais sem a autorização expressa do autor. O *download* realizado desta forma acaba ferindo os direitos autorais, portanto, é importante estar atento as fontes de acesso utilizadas.

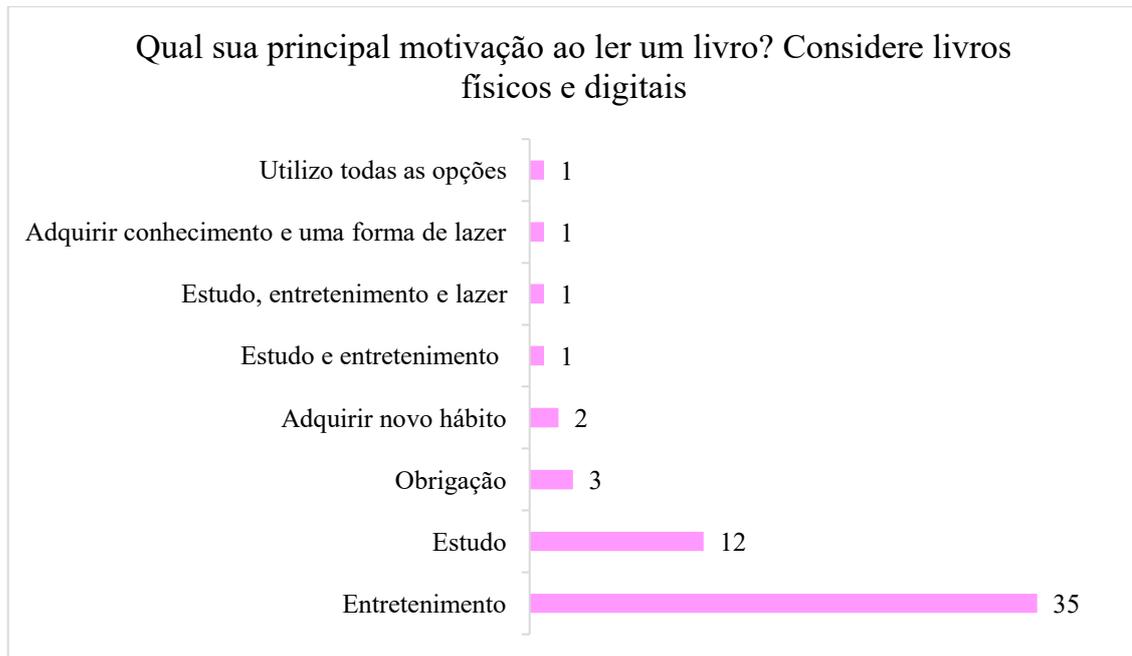
Pudemos constatar que os leitores estão preferindo realizar a aquisição de materiais diretamente em seus dispositivos. Uma parte deste fato pode ser atribuída a influência do período de isolamento gerado pela pandemia do Covid-19.

Conforme Souza (2022) aos que optam pelas lojas *online* e livrarias *online*, sendo para comprar livros físicos ou digitais, podem estar também a procura de descontos e promoções que só encontram no ambiente *online*. Pois, de acordo com Thompson (2023, p. 15): “A leitura de textos de formato longo em uma tela, sem dúvida, trouxe algumas vantagens – os livros podem ser comprados facilmente e baixados rapidamente, o preço é geralmente menor [...]”.

O Gráfico 1 elucida, também, os locais que não estão sendo tão procurados pelos leitores para aquisição de livros. A pesquisa revela contrapontos entre a baixa procura pelas bibliotecas físicas, e uma das maiores motivações para leitura, que consiste no “estudo” conforme veremos no Gráfico 2. Considerando os respondentes pertencerem ao curso de Biblioteconomia, constatamos que não utilizam bibliotecas físicas como um dos principais locais para obtenção de livros, o que nos leva a refletir ao que se deve este fato.

Pode ser interessante a verificação de possibilidade de projetos e campanhas nas bibliotecas, por exemplo: trocas ou doações que atraiam os usuários para obtenção de livros em seus espaços. As possibilidades dos acervos de bibliotecas digitais também são pertinentes, sobre esta questão, discutiremos no Gráfico 15.

Gráfico 2 – Principal motivação ao ler um livro (Físicos e Digitais)



Fonte: dados da pesquisa (2023).

Quanto as principais motivações ao ler um livro, a maioria dos respondentes considera o entretenimento como principal motivador para leitura. Temos então, entretenimento: 35 (trinta e cinco) respondentes, estudo: 12 (doze) respondentes, obrigação: 3 (três) respondentes, adquirir novo hábito: 2 (dois) respondentes e utilizo todas as opções: 1 (um) respondentes. As respostas obtidas na opção “outros” foram declarações voluntárias e livre escrita dos participantes que sinalizaram: todas com 1 (um) retorno: estudo e entretenimento, estudo, entretenimento e lazer, adquirir conhecimento e uma forma de lazer.

Podemos pensar a leitura de acordo com os prazeres múltiplos que possa proporcionar, as emoções e sentimentos que provoca, a identificação com narrativas, a imaginação e memória aguçadas pelo texto. Rosa, Reis e Souza (2021, p. 56) comentam sobre as sensações que o livro suscita: “Um texto é resultado desse entrelaçar e tecer, impregnado muitas vezes das emoções e conhecimentos de quem o escreve, e é lançado em busca de um leitor [...] o despertar de sentimentos que o prazer da leitura traz”.

  justificável a principal motivação para ler ser o entretenimento, pois para Rosa, Reis e Souza (2021, p 64): “  perceptível essa marca de ‘felicidade’ para aqueles que têm a leitura já incorporada aos seus hábitos [...]”. A leitura representa um momento de bem estar, n  obstante, os respondentes serem sinceros ao afirmarem que nem sempre a leitura   prazerosa, mas destacam a importância da leitura para a formação acadêmica.

O entretenimento com resultado majoritário é animador, considerando o Brasil ser um país com disparidades de práticas de leitura relativas as políticas públicas que envolvem livro, leitura, biblioteca e leitor.

De acordo com Rosa e Oddone (2006, p. 183-184):

O baixo índice de leitura de sua população talvez seja o obstáculo mais comprometedor para a superação das dificuldades e é uma consequência das condições socioeconômicas e educacionais da população do país [...] se o indivíduo não incorpora a prática de leitura, não desenvolve de forma satisfatória as habilidades necessárias ao uso do conhecimento para poder entender, compreender e apreender.

A prática da leitura deve ser cultivada desde a infância, o que requer uma base educacional com incentivo às práticas leitoras. Os dados do Gráfico 2 encorajam as perspectivas de que o livro é valioso e a leitura é atrativa para os respondentes.

Gráfico 3 – Acesso a um livro digital



Fonte: dados da pesquisa (2023).

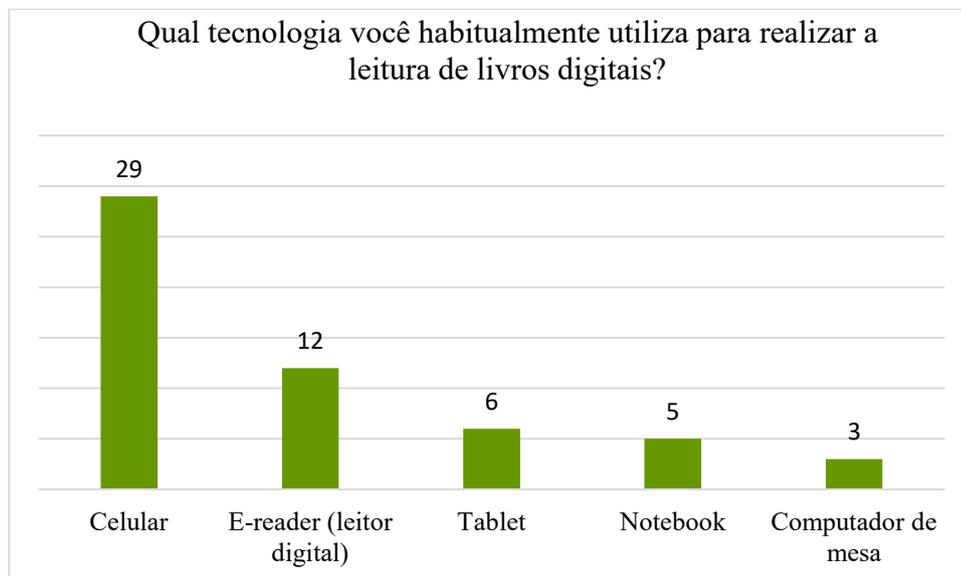
Questionados sobre acesso a livros digitais, 36 (trinta e seis) respondentes disseram que: “sim e gostam”, os que afirmam que: “sim, porém, não gostam” são 17 (dezessete) respondentes e 1 (um) respondente nunca teve acesso.

A predominância de participantes que tiveram acesso e gostam do livro digital sustenta os argumentos de que: “[...] as informações são veiculadas por meio de múltiplas linguagens, novos canais e suportes, influenciando nas relações do leitor com o suporte de leitura e consequentemente com o texto e apreensão do conteúdo e ampliação do conhecimento do sujeito” (Rosa, Reis, Souza, 2021, p. 56).

Ao observarmos a faixa etária da maioria dos respondentes, inclusos nas gerações de nativos digitais, podemos relacionar ao fato de que estão quase totalmente imersos na tecnologia. Portanto, acompanham as transformações tecnológicas e são conhecedores dos livros digitais.

Conforme as arguições de Rodrigues (2014) e Araújo (2016), as Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) contribuíram para que as práticas leitoras ocorressem com o uso de outros suportes. A leitura apresenta diferenciações à medida que suportes e demandas sociais de leitura são transformadas, a progressão tecnológica da sociedade atual faz com que não seja surpreendente a maioria dos participantes afirmarem o acesso a livros digitais.

Gráfico 4 – Tecnologia que utiliza para leitura de livros digitais



Fonte: dados da pesquisa (2023).

Ao serem perguntados sobre quais tecnologias habitualmente utilizam para realizar a leitura de livros digitais, obtivemos as seguintes respostas: 29 (vinte e nove) respondentes utilizam celular, 12 (doze) respondentes utilizam *e-reader* (leitor digital), 6 (seis) respondentes utilizam *tablet*, 5 (cinco) respondentes utilizam *notebook* e 3 (três) respondentes utilizam computador de mesa.

Utilizamos dos celulares para variadas funções durante o dia e as respostas mostram que também são manuseados para a leitura de materiais. Estes aparelhos são aliados como conexão entre o leitor e o livro.

Consoante a utilização dos celulares como principal tecnologia para acesso ao digital, Furtado (2019, p. 425) afirma que:

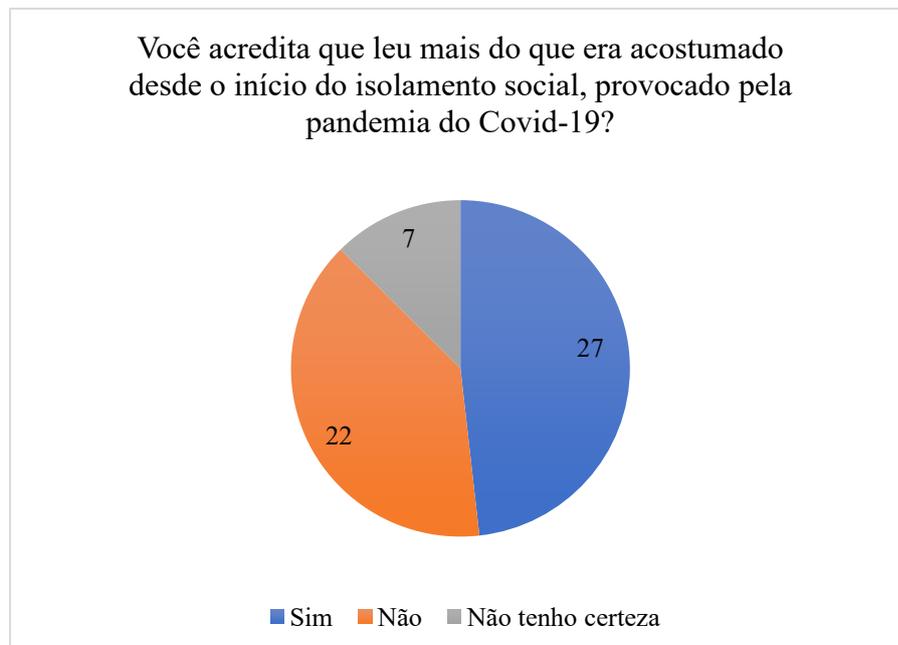
Considerando que o livro sempre foi um objeto cultural das classes dominantes e, por conseguinte, a literatura destinada aos leitores de situação econômica favorável, ressalta-se que, para a maioria das pessoas em situações de vulnerabilidade social, o celular é o único objeto disponível para contato com a informação e com a ciberliteratura, já que o material impresso é faltar e oneroso, como, por exemplo, no Brasil.

Por desempenharem diversas funcionalidades, os celulares permitem que a leitura de livros através de sites ou aplicativos melhorem a usabilidade, agregando características dinâmicas possibilitadas pelo acesso à *internet*.

Rosa, Reis, Souza (2021, p. 60) fortalecem estas afirmações ao defenderem que: [...] durante a leitura em suporte eletrônico, o leitor termina também explorando novas informações em rede, o que talvez justifique a quantidade maior de leitura [...] no smartphone quase sempre conectados à *internet*.”

De acordo com os dados da pesquisa o celular é a opção mais escolhida para a atividade da leitura. Talvez, pela praticidade de poder estar com ele a mão, conforto de guardar em espaços pequenos e as multifunções, tornam o aparelho celular como principal escolha para esta ação (Rosa, Reis, Souza, 2021).

Gráfico 5 – A leitura de livros desde o início do isolamento social



Fonte: dados da pesquisa (2023).

O Gráfico 5 apresenta as respostas para a indagação se os participantes acreditavam que leram mais livros do que eram acostumados a partir do isolamento social, isolamento este ocasionado pela pandemia do Covid-19.

A maioria dos respondentes, 27 (vinte e sete) afirmam que Sim, leram mais do que eram acostumados. 22 (vinte e dois) respondentes dizem que não leram mais do que eram acostumados e 7 (sete) respondentes não têm certeza.

De acordo com Gerlin e Chagas (2022) um fator preponderante causado pela pandemia foram os problemas psicológicos decorrentes da perda dos vínculos afetivos pela necessidade do isolamento social para diminuir o contágio de contaminação do vírus. Este cenário tornou-se propício para o estado de sofrimento psíquico e de transtornos mentais como ansiedade crônica, depressão profunda e síndrome de pânico.

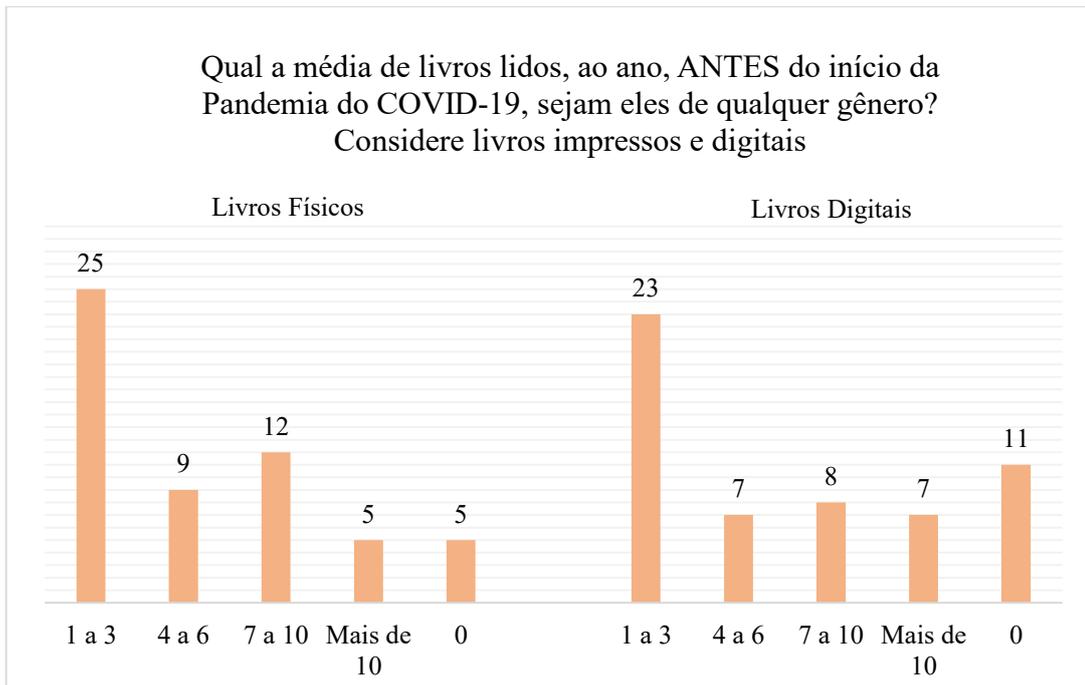
Podemos dizer que os livros se mostraram como uma forma de escape para um período tão difícil e de incertezas, como o que enfrentamos durante a pandemia do Covid-19. Isso se refletiu no hábito da leitura para os respondentes, em que foi possível obter um resultado positivo de um contexto muito ruim.

Segundo Gerlin e Chagas (2022, p. 129) quando o indivíduo: “[...] se depara com as tristezas e outros sentimentos, necessita se conectar com palavras oralizadas, escritas, ilustradas e/ou sinalizadas que possam orientá-lo no enfrentamento da doença, do sofrimento psíquico e de outras situações críticas vivenciadas no cenário pandêmico”.

Conforme Rosa, Reis e Souza (2021), a leitura suscita sentimentos de felicidade, ao provocar prazeres múltiplos: lemos para saber, compreender, refletir, para nossa emoção e perturbação. Lemos para compartilhar: sejam ideias, conjecturas, criações ou reflexões, a leitura aguça nossa memória afetiva.

Em situação de crise, a leitura assume uma condição privilegiada para a recuperação dos laços sociais e para o compartilhamento da experiência necessária ao processo terapêutico (Gerlin; Chagas, 2022). Para muitos, os livros podem ter significado uma companhia valiosa, algo em que se segurar para enfrentar o receio, as emoções pessoais, perdas e o isolamento social.

Gráfico 6 – Média de livros lidos antes da Pandemia do Covid-19



Fonte: dados da pesquisa (2023).

O Gráfico 6 mostra as médias de leitura dos participantes em relação aos livros lidos, ao ano, antes do início da pandemia do Covid-19, a quantidade de respondentes para os gráficos 6, 7 e 8 se mantém iguais. A questão considerou todos os gêneros literários e dividiu em livros físicos e digitais. Dessa forma, temos que:

- a) a leitura feita em livros físicos foi de: 1 a 3 livros (25, vinte e cinco respondentes), 4 a 6 livros (9, nove respondentes), 7 a 10 livros (12, doze respondentes), mais de 10 livros (5, cinco respondentes) e 0 livros (5, cinco respondentes).
- b) a leitura feita em livros digitais foi de: 1 a 3 livros (23, vinte e três respondentes), 4 a 6 livros (7, sete respondentes), 7 a 10 livros (8, oito respondentes), mais de 10 livros (7, sete respondentes) e 0 livros (11, onze respondentes).

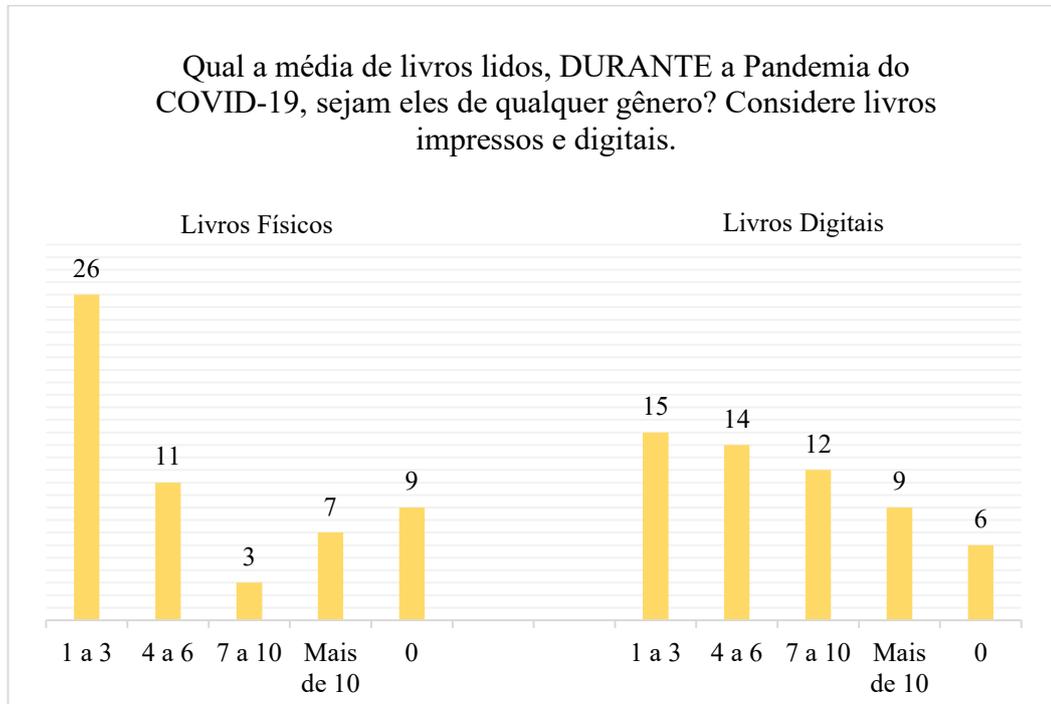
Em ambos os formatos de livros, físicos e digitais, as médias predominantes se mantêm de 1 a 3 livros lidos ao ano, antes do início da pandemia.

De acordo com a pesquisa Retratos do Brasil, na sua 5ª edição lançada em 2020, no Brasil, a média de livros lidos inteiros ao ano é de 1,05. Livros lidos inteiros + partes, resultam em 5. Em São Luís a média de livros lidos inteiros ao ano é de 2,25, livros inteiros + em partes resultam em 4,83 (Retratos da leitura no Brasil, 2020).

Visualizamos que a média dos respondentes estão dentro do conjunto das médias de livros lidos ao ano no Brasil e em São Luís, considerando livros lidos inteiros. Se

considerarmos a média de livros lidos inteiros e em partes em relação ao Brasil e São Luís, a média dos respondentes não está inclusa.

Gráfico 7 - Média de livros lidos durante a Pandemia do Covid-19



Fonte: dados da pesquisa (2023).

O Gráfico 7 mostra as médias de leitura dos participantes quanto a livros lidos, durante a pandemia do Covid-19. A questão considerou todos os gêneros literários e dividiu em livros físicos e digitais. Dessa forma, temos que:

- a) a leitura feita em livros físicos foi de: 1 a 3 livros (26, vinte e seis respondentes), 4 a 6 livros (11, onze respondentes), 7 a 10 livros (3, três respondentes), mais de 10 livros (7, sete respondentes) e 0 livros (9, nove respondentes).
- b) a leitura feita em livros digitais foi de: 1 a 3 livros (15, quinze respondentes), 4 a 6 livros (14, quatorze respondentes), 7 a 10 livros (12, doze respondentes), mais de 10 livros (9, nove respondentes) e 0 livros (6, seis respondentes).

Em comparação ao Gráfico 6 (antes do início da pandemia), notamos constância das médias de 1 a 3 livros, para leitura dos livros físicos, aumento na quantidade de 4 a 6 livros e mais de 10. Declínio na média de 7 a 10.

Quanto aos livros digitais, em comparação ao Gráfico 6 (antes do início da pandemia), houve aumento nas médias de 4 a 6 e 7 a 10 livros lidos. A quantidade de 1 a 3 livros caiu de 23 para 15 pessoas. As médias de mais de 10 livros e 0 livros também sofreram alterações,

apresentando aumento em mais de 10 livros lidos e declínio na média 0. As três primeiras posições ficam para quantidades de livros lidos de 1 a 10 (1 a 3 livros: primeiro lugar, 4 a 6 livros: segundo lugar e 7 a 10 livros: terceiro lugar) uma mudança significativa em relação as três primeiras colocações dos livros digitais lidos, expostos no Gráfico 7 (antes do início da pandemia): primeiro lugar: 1 a 3 livros, segundo lugar: 0 livros e terceiro lugar: 7 a 10 livros.

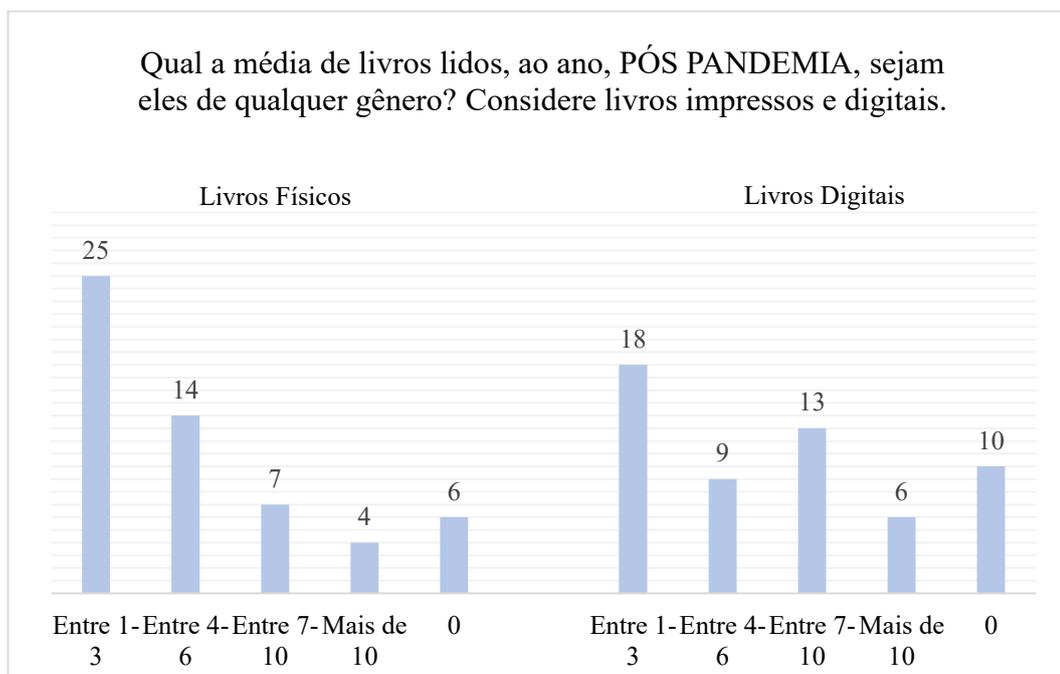
Isso nos mostra o crescimento da leitura, tanto para os livros físicos quanto aos digitais, durante a pandemia do Covid-19. Para os livros digitais os números se mostraram ainda mais crescentes, em comparação ao período antes da pandemia.

A biblioterapia sustenta a afirmação do poder dos livros e como exerceram uma função primordial durante o período pandêmico e nas consequências provenientes desta crise:

Na área da Biblioteconomia, por exemplo, pode-se pensar como uma possibilidade de contribuição ao enfrentamento da pandemia e das consequências psicológicas e sociais, a biblioterapia, como uma atividade para aliviar o sofrimento psíquico e promover a cura a partir da leitura e da escuta singular como possibilidades (Gerlin, Chagas, 2022, p. 118).

Estas médias dão ainda mais força aos resultados do Gráfico 5 e elucidam os livros como grandes aliados para leitores que procuravam se sentir bem durante um momento de tribulação. Estes argumentos podem justificar o crescimento da leitura de livros, em especial os livros digitais, durante o isolamento social.

Gráfico 8 - Média de livros lidos após a Pandemia do Covid-19



Fonte: dados da pesquisa (2023).

O Gráfico 8 mostra as médias de leitura dos participantes quanto a livros lidos, ao ano, pós pandemia do Covid-19. A questão considerou todos os gêneros literários e dividiu em livros físicos e digitais. Dessa forma, temos que:

- a) a leitura feita em livros físicos foi de: 1 a 3 livros (25, vinte e cinco respondentes), 4 a 6 livros (14, quatorze respondentes), 7 a 10 livros (7, sete respondentes), mais de 10 livros (4, quatro respondentes) e 0 livros (6, seis respondentes).
- b) a leitura feita em livros digitais foi de: 1 a 3 livros (18, dezoito respondentes), 4 a 6 livros (9, nove respondentes), 7 a 10 livros (13, treze respondentes), mais de 10 livros (6, seis respondentes) e 0 livros (10, dez respondentes).

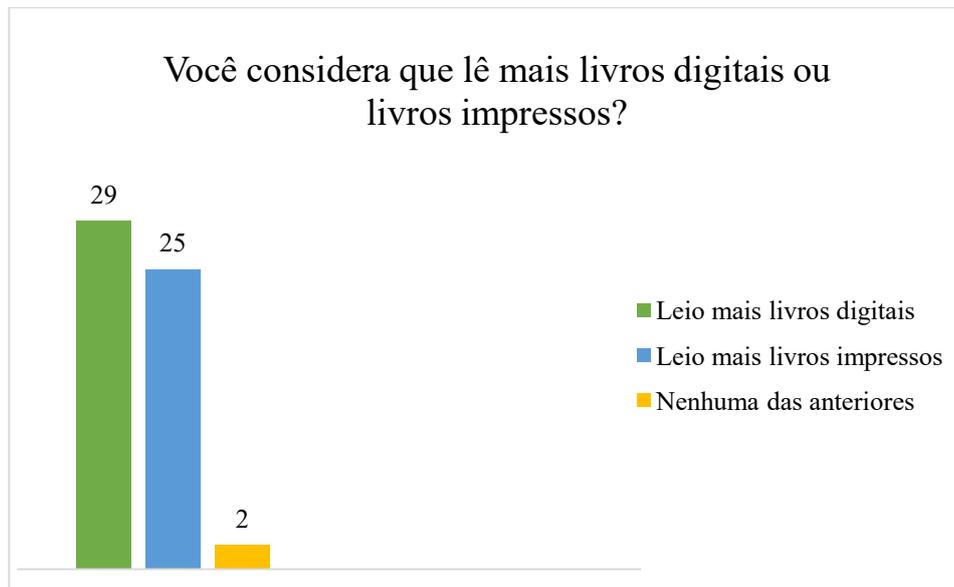
Após a pandemia, os números de 1 a 3 livros físicos permanecem com uma média equivalente ao Gráfico 7 (durante a pandemia). As médias de 4 a 6 livros e 7 a 10 livros tiveram aumento, enquanto as médias de mais de 10 livros e 0 livros mostraram diminuição.

Em comparação ao Gráfico 7 (durante a pandemia), os livros digitais lidos durante a pós pandemia tiveram aumento para as médias de 1 a 3 livros, 7 a 10 livros e 0 livros. Houve declínio para as médias de 4 a 6 livros e mais de 10 livros.

Notamos em comparação dos Gráficos 6, 7 e 8: antes, durante e após a pandemia, houve variação do estilo de leitura, em termos de quantidade de livros lidos e a forma de lê-los (no que se refere a análise entre livros físicos e digitais). Os livros digitais tornaram-se mais emergentes durante o isolamento e podemos elencar algumas razões para isso, como não ser possível o deslocamento para locais que tenham livros físicos e optar por não receber entrega de produtos em casa devido aos protocolos de biossegurança adotados no país (Souza, 2022).

Portanto, os números se justificam aos que consideraram como melhor opção ter o livro diretamente em seu dispositivo, sem necessitar deslocamento ou contato com outras pessoas (Alvim, 2022). Com os livros digitais, essa opção se tornou viável, neste momento, tendo em vista que a obtenção dos títulos é realizada *online*.

Gráfico 9 – Comparativo entre a leitura de livros digitais e impressos



Fonte: dados da pesquisa (2023).

O Gráfico 9 apresenta que 29 (vinte e nove) dos respondentes leem mais livros digitais, 25 (vinte e cinco) leem mais livros impressos e 2 (dois), nenhuma das opções. A maioria afirma que lê mais livros digitais, com uma margem próxima dos que leem mais livros físicos. Inferimos que a predominância se encontra nos livros digitais, todavia, os livros físicos estão muito presentes nos hábitos de leitura dos respondentes.

Procópio (2010) e Silva (2013) constataram como os livros digitais são ferramentas importantes na disseminação do conhecimento pela diversidade de plataformas a disposição do leitor. Não obstante, o mais importante em um livro é o seu conteúdo, independentemente do formato.

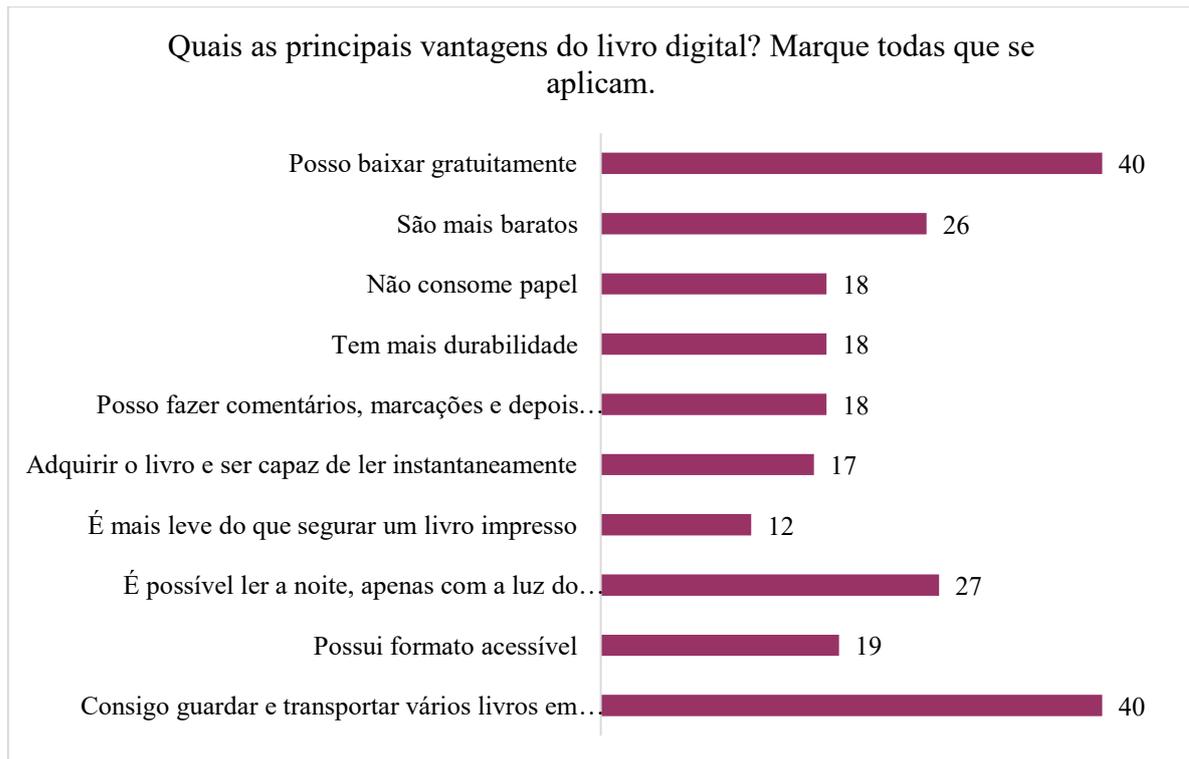
Podemos fazer uma correlação dos dados do Gráfico 9 com os Gráficos 6, 7 e 8, que associaram o crescimento da leitura de livros digitais a partir do período pandêmico. Isto influenciou nos hábitos de leitura dos respondentes, que optaram pelos livros digitais.

Afinal, Thompson (2023) é assertivo ao explicar que os livros digitais não tomarão o lugar dos livros físicos, estes dois formatos coexistirão em harmonia, atendendo aos interesses do leitor. As características para cada tipo de livro são fatores determinantes para os leitores, para que se baseiem no seu próprio modo de ler.

Portanto, conforme Rosa, Reis e Souza (2021, p. 61): “[...] tanto as obras impressas quanto as digitais possuem lugar entre os leitores acadêmicos, e a opção de cada um vai depender de sua experiência individual e de suas propostas de leitura”.

Nos gráficos a seguir, exibiremos as vantagens (Gráficos 10 e 11) e desvantagens (Gráficos 12 e 13) dos livros digitais e físicos, conforme Procópio (2010), Rosenfield (2011), Coutinho e Pestana (2015), Batista (2018), Lopes e Mügge (2021), Alvim (2022) e Thompson (2023), para elucidar os principais aspectos considerados pelos respondentes em relação as preferências para os dois segmentos.

Gráfico 10 – Vantagens do livro digital



Fonte: dados da pesquisa (2023).

O Gráfico 10 apresenta as vantagens do livro digital que podiam ser escolhidas pelo respondente. Com 40 (quarenta) respondentes em ambas as opções, “Posso baixar gratuitamente” e “Consigo guardar e transportar vários livros em um dispositivo” lideraram as preferências. As características de: “São mais baratos” e “É possível ler a noite, apenas com a luz do dispositivo” obtiveram respectivamente 26 (vinte e seis) e 27 (vinte e sete) escolhas, os próximos mais assinalados.

Com 18 (dezoito) respondentes estão as vantagens de: “Não consome papel”, “Tem mais durabilidade”, “Posso fazer comentários, marcações e depois juntar essas informações em um arquivo” e “Possui formato acessível”.

Para a vantagem de “Adquirir o livro e ser capaz de ler instantaneamente” 17 (dezessete) respondentes e “É mais leve do que segurar um livro impresso” 12 (doze) respondentes.

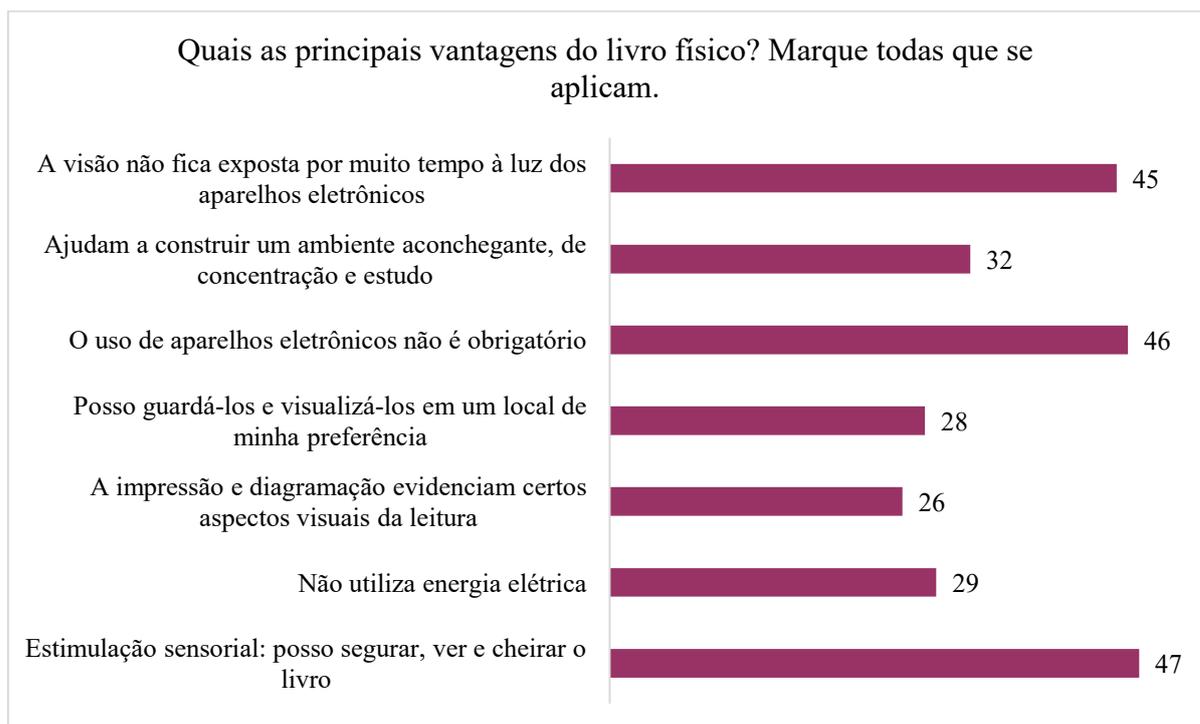
As vantagens dos livros digitais vão de acordo com as exposições feitas por Coutinho e Pestana (2015), que estabeleceram os principais benefícios dos livros digitais: maior comodidade, economia de dinheiro (e por vezes, gratuito), interatividade, possibilidade de leitura no escuro, redução de espaço físico e portabilidade.

Sobre as vantagens dos livros digitais mais priorizadas pelos respondentes, Lopes, Mügge (2021, p. 8) relatam que:

Em relação ao ebook, constatou-se que os entrevistados reconhecem suas vantagens: facilidade de acesso ao conteúdo digital, visto que o texto é disponibilizado ao leitor rapidamente no equipamento eletrônico, mesmo em caso de compra; e a possibilidade de realizar downloads gratuitos, quando as obras estão disponíveis para tal.

Com estes dados inferimos que os leitores prezam mais pelo *download* gratuito dos seus livros, assim como armazenar e transportar uma grande quantidade de arquivos apenas em um só dispositivo. Essa é a representação da praticidade que a tecnologia nos permite ter, podermos reunir vários livros e acessá-los de qualquer local somente passando de uma tela para outra. As opções de custo menor e ler a noite também são estimadas pelos leitores.

Gráfico 11 – Vantagens do livro físico



Fonte: dados da pesquisa (2023).

Quanto as vantagens do livro físico, a opção de “Estimulação sensorial: posso segurar, ver e cheirar o livro” predominou com 47 (quarenta e sete) respondentes. Vindo com 46 (quarenta e seis) respondentes: “O uso dos aparelhos eletrônicos não é obrigatório”, 45 (quarenta e cinco) respondentes temos: “A visão não fica exposta por muito tempo à luz dos aparelhos eletrônicos”.

A vantagem de “Ajudam a construir um ambiente aconchegante, de concentração e estudo” se estabeleceu com 32 (trinta e dois) respondentes. 29 (vinte e nove) respondentes optaram por “Não utiliza energia elétrica”. 28 (vinte e oito) respondentes foi a quantidade para as características de “Posso guardá-los e visualizá-los em um local de minha preferência”. Com 26 (vinte e seis) respondentes “A impressão e diagramação evidenciam certos aspectos visuais da leitura” foi a opção de vantagem menos escolhida.

A sensação de ter o livro em mãos, folheá-lo, cheirá-lo, segurá-lo é o que mais atrai os leitores, conforme o Gráfico 11. Poder interagir com o objeto físico, tocar, sentir e olhar a capa e páginas é uma experiência inteiramente diferente de obter e interagir com um livro digital. Apesar de em muitos aspectos os livros digitais buscarem se assemelhar ao físico, como remeter o “passar de páginas”, não é a mesma coisa para muitos leitores.

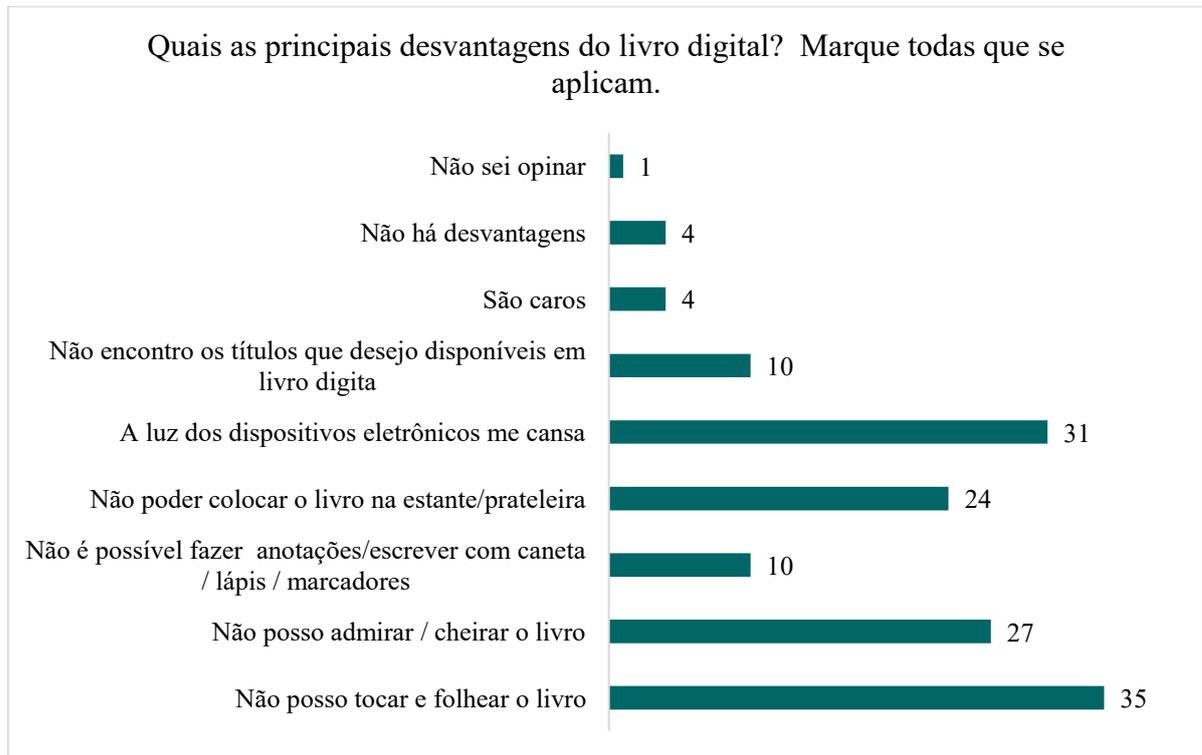
Sobre as sensações que só livro físico permite ao leitor, Thompson (2023, p. 15) detalha que:

O livro impresso é um excelente dispositivo de leitura que permite uma experiência de alta qualidade – melhor, aos olhos de muitos, do que a experiência de ler texto de formato longo em uma tela – e um objeto cultural esteticamente agradável que é valorizado por si só, como algo a ser manuseado, admirado e apreciado.

As características apontadas são exclusivas da materialidade do objeto tridimensional e por mais que o texto seja o mesmo em ambos os formatos, a relação que se estabelece entre o leitor e a materialidade é exclusiva do formato físico (Lopes, Mügge, 2021).

O fato de a visão não ficar exposta a luz das telas e não haver a dependência de um aparelho eletrônico para realizar a leitura, são pontos visados pelos leitores. Cada leitor busca os aspectos que melhor se adequem ao seu estilo de leitura.

Gráfico 12 – Desvantagens do livro digital



Fonte: dados da pesquisa (2023).

Corroborando com as afirmações do Gráfico 11, sobre estimulação sensorial ser importante aos leitores, no Gráfico 12 vemos como as primeiras desvantagens do livro digital as opções sensoriais de: “Não posso tocar e folhear o livro”, com 35 (trinta e cinco) respondentes e “Não posso admirar / cheirar o livro” com 27 (vinte e sete) respondentes, totalizando 62 respondentes que prezam pela estimulação sensorial que o livro físico proporciona.

Logo após com 31 (trinta e um) respondentes “A luz dos dispositivos me cansa”. Com 24 respondentes: “Não poder colocar o livro na estante / prateleira”.

Sobre as seguintes principais desvantagens apontadas, relacionada ao cansaço da leitura em tela, notamos que se deve ao fato de que leituras de livros eletrônicos é feita através da tela de computador e smartphones, ou seja, telas iluminadas, inapropriadas para leituras (Rosa, Reis, Souza, 2021).

Referente a desvantagem de “Não poder colocar o livro na estante / prateleira” Thompson debate que:

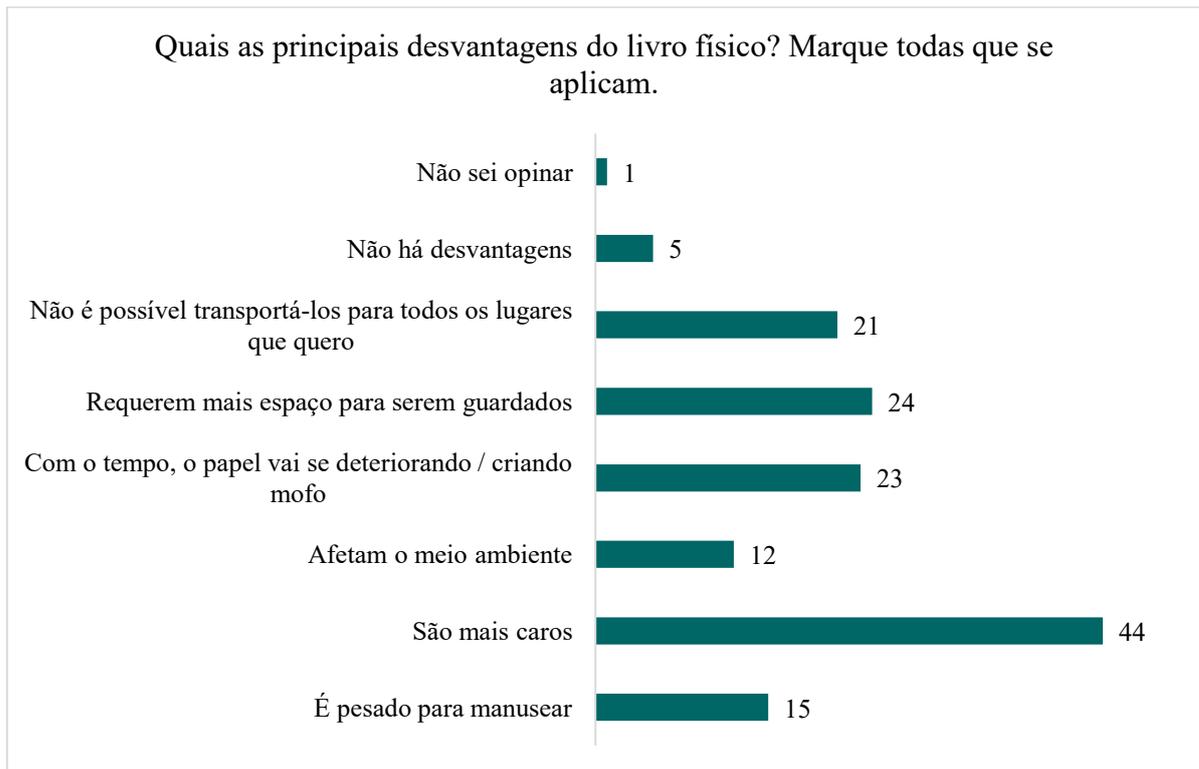
[...] alguns livros são objetos que um indivíduo quer não apenas para ler, mas também para ter, colocar em sua prateleira ou em sua estante, para que possa retornar em um momento posterior no tempo, compartilhar com os outros, talvez

presentear, ou até exibir em sua sala de estar ou estudo como um significativo, um objeto simbólico representativo do gosto e dos valores de seu dono.

Com 10 (dez) respondentes temos as desvantagens de “Não é possível fazer anotações/escrever com caneta / lápis / marcadores”, “Não encontro os títulos que desejo disponíveis em livro digital”, “Não há desvantagens” e “São caros” aparecem com 4 (quatro) respondentes, “Não sei opinar” com apenas 1 (um) respondente.

Como o livro digital não proporciona as mesmas sensações que um livro físico, em relação ao tato, cheiro, visão, são atributos que os leitores mais sentem falta, bem como a luz do dispositivo que incomoda a visão a longo prazo (Rosa, Reis, Souza, 2021). São desvantagens específicas de se utilizar aparelhos eletrônicos, realizar tarefas e ações no meio digital.

Gráfico 13 – Desvantagens do livro físico



Fonte: dados da pesquisa (2023).

Quanto as desvantagens do livro físico, 44 respondentes escolheram a opção “São mais caros” em predominância. Os títulos que os respondentes desejam acabam sendo ofertados com preços acima do que podem arcar.

Muitas vezes querem obter mais de um título, porém, o preço permite que seja adquirido somente um ou nenhum. O processo de criação e disponibilização de um livro físico

é algo custoso, que eleva o preço do produto final. A escrita, elaboração, matéria prima, revisão, diagramação, impressão e disponibilização no mercado são etapas que geram, cada uma, dispêndios para os fornecedores (Endo, 2021).

Gonçalves (2020, p. 19) afirma que:

Os livros no formato digital, os chamados *e-books* [...] implicam na *inovação de produto*, pois trata-se de um novo produto com novo formato e novos recursos, e na *inovação de processos*, pois alteram a capacidade de produção e comercialização, permitem a melhoria na qualidade dos produtos, focam na diminuição de custos, etc.

A vista disso, os preços dos livros físicos resultam mais caros do que muitos leitores esperam para os títulos de seu interesse. Ao passo que, estas etapas de criação são eliminadas pela metade para a publicação de livros digitais, o que despenca os preços na disponibilização ao público (Souza, 2022).

Segundo Dias *et al.* (2021) as ofertas gratuitas também representaram uma grande parte dos downloads durante o pico de isolamento. Numa tentativa de atrair mais leitores, descontos mais robustos foram ofertados.

Para Souza (2022, p. 783): “Com um pouco de dinheiro, é possível até comprar um livro novo em lojas *online* com descontos que superam 50% do valor de capa.” Pela diferenciação de preço, os livros digitais saem em vantagem, o que pode levar até aqueles mais aficionados ao físico em abdicar dos estímulos sensoriais.

Os respondentes consideram como principais desvantagens também: 24 (vinte e quatro) “Requerem mais espaço para serem guardados”, 23 (vinte e três) “Com o tempo o papel vai se deteriorando / criando mofo” e 21 (vinte e um) “Não é possível transportá-los para todos os lugares que quero”.

Os aspectos mencionados são desvantagens da materialidade dos livros físicos, que decorrem pela ação do tempo, em relação ao papel, falta de espaço e dificuldade no deslocamento devido ao peso ou tamanho. Característica que é elencada pelos respondentes com 15 (quinze) respostas na opção “É pesado para manusear”.

A opção “Afetam o meio ambiente”, “Não há desvantagens” e “Não sei opinar” aparecem com 12 (doze), 5 (cinco) e 1 (um) respectivamente. Há ligeira preocupação com o meio ambiente, mas não é considerada uma principal desvantagem para os respondentes.

Gráfico 14 – Lugares de leitura do livro digital



Fonte: dados da pesquisa (2023).

A indagação de quais lugares os respondentes leem livros digitais resultou maioria predominante de 34 (trinta e quatro) respondentes que leem em casa. Durante o trajeto até a casa / universidade / estágio / trabalho foram 12 (doze). Com 3 (três) respondentes para ambos: universidade e estágio / trabalho. E 2 (dois) respondentes: lugares de lazer e todas as opções.

Ler em casa pode representar aos respondentes um maior conforto e segurança, ficam à vontade em um ambiente familiar e de descanso. Representa o local ideal para leituras, estudos e afins. O lar é sinônimo para muitos de aconchego, paz, privacidade e relaxamento, energias que contribuem para que o ato de ler seja desenvolvido (Rosa; Reis; Souza, 2021).

Durante o caminho até a casa, universidade, estágio ou trabalho a leitura<sup>13</sup> também se faz companheira para a jornada. Para distração ao aguardar um transporte ou dentro do transporte até o destino final, os livros digitais se fazem presentes no cotidiano dos participantes, exatamente como nos locais de trabalho e lazer.

A leitura na Universidade durante o período pandêmico se justifica pela oferta do formato de ensino híbrido, que agregou ações presenciais e ações remotas, de acordo com o planejamento de cada curso, Resolução nº 2.185-CONSEPE de 22 de março de 2021. Foram

<sup>13</sup> Embora estivéssemos em pandemia, haviam alunos(as), que se deslocavam em virtude de suas atividades laborais e/ou necessidades individuais.

disponibilizados laboratórios de informática, com computadores e acesso à internet aos estudantes que não tivessem recursos, para que, assim, pudessem acompanhar as atividades *online* (UFMA, 2021).

Gráfico 15 – Biblioteca Digital



Fonte: dados da pesquisa (2023).

As bibliotecas estão inseridas no contexto da sociedade informacional e devem estar atualizadas fornecendo acesso a materiais de acordo com os interesses dos usuários. O livro digital e a biblioteca digital, no contexto da sociedade informacional, são possibilidades de acesso às informações e conhecimentos, assim como o livro e a biblioteca física. É importante que os leitores tenham acesso e possam ter a experiência com os livros nas bibliotecas digitais (Rosa; Reis; Souza, 2021).

A biblioteca digital de acordo com Intersaberes (2022) possui funcionalidades abrangentes de um acervo digital de conteúdos textuais, visuais e sonoros. Além de organizar, armazenar e categorizar *e-books* de múltiplas áreas do conhecimento, também é equipada com recursos de aprendizagem que tornam a leitura mais dinâmica e produtiva.

A pergunta do Gráfico 15, encaminhava a uma indagação subsequente de resposta aberta, se houvesse marcação afirmativa. O questionamento pedia que o respondente assinalasse se é usuário ou teve acesso a uma biblioteca digital: 40 (quarenta) respondentes foram afirmativos, contra 16 (dezesesseis) negativos. Sendo assim, a maioria seguiu para opinar sobre a biblioteca digital acessada. O Gráfico 16 exibe as palavras mais utilizadas.

Gráfico 16 – Palavras-chave: opinião da biblioteca digital acessada



Fonte: dados da pesquisa (2023).

Como ilustrado no Gráfico 16 da nuvem de palavras, os termos que mais apareceram nas respostas sobre a opinião dos participantes acerca da biblioteca digital utilizada, foram: fácil acesso, estudo otimizado, ótima compreensão, variedade de livros, acessível, prático, BibliON, ler sem sair de casa, cheio de opções, intuitiva e boa experiência.

Os usuários dessas bibliotecas consideraram que o acesso é fácil por conseguirem entrar na plataforma escolhida e usufruir do título desejado rapidamente, sem grandes entraves. Além de possibilitar que estudem de qualquer lugar que estejam e acessem os materiais com praticidade.

Destacamos a opinião de um dos respondentes:

[Respondente 38] - *“Achei super legal, principalmente porque não estava conseguindo encontrar livros para a minha pesquisa. E a biblioteca digital me proporcionou esse alívio.”*

A disposição dos elementos de *layout* nos sites/aplicativos é determinante para que o usuário tenha uma experiência intuitiva e de fácil compreensão, como observado na resposta.

[Respondente 56] - *“Uma das maiores vantagens da biblioteca digital é com relação a mobilidade, uma vez que é possível acessar os títulos apenas pelo celular/computador. A biblioteca que frequento há um maior acervo diversificado e atualizado.”*

A acessibilidade é algo primordial para os leitores, que contam com recursos para personalização da leitura, fontes com tamanhos e letras ajustáveis, iluminação de tela que pode ser variada ou marcações específicas são algumas das ferramentas que ganham as preferências dos usuários.

[Respondente 40] - *“A biblioteca digital é intuitiva, não houve problemas em utilizá-la. Pude observar que os desenvolvedores tiveram a responsabilidade de adicionar algumas funcionalidades que possibilitam a acessibilidade dos usuários independente das barreiras sensoriais que possuam.”*

Visualizamos que os respondentes afirmam haver muitas opções de livros, no entanto, uma parcela também relata que o acervo é limitado, por vezes, não encontram os títulos que procuram o que gera frustração pela defasagem das coleções.

[Respondente 27] - *“Ela é bem acessível ao meu ver, posso pesquisar os títulos que desejo baixar, porém muitas vezes não encontro o que desejo.”*

Em contrapartida, os respondentes citam o BibliON, Biblioteca digital gratuita de São Paulo<sup>14</sup>, que conta com um acervo diversificado de mais de 17 mil livros e audiolivros, oferta cursos, *podcasts*, rodas de leitura, clube do livro, capacitações, seminários e muito mais (BibliON, 2023).

[Respondente 45] - *“Excelente acervo, multiplataforma, opções de ajuste de letra, fundo, cor, dicionário, marcador de página. Também é possível salvar os favoritos, possibilita roda de conversa, podcast, cursos entre outros serviços gratuitos. O app é o Biblion que é a biblioteca digital de São Paulo.”*

[Respondente 31] - *“Frequento a Biblion que tem um amplo acervo, excelente acessibilidade e layout. Consigo marcar páginas, favoritar livros ou autor, tem clube de leitura entre outros eventos. O app é fluido, sem travamentos além de ser gratuito.”*

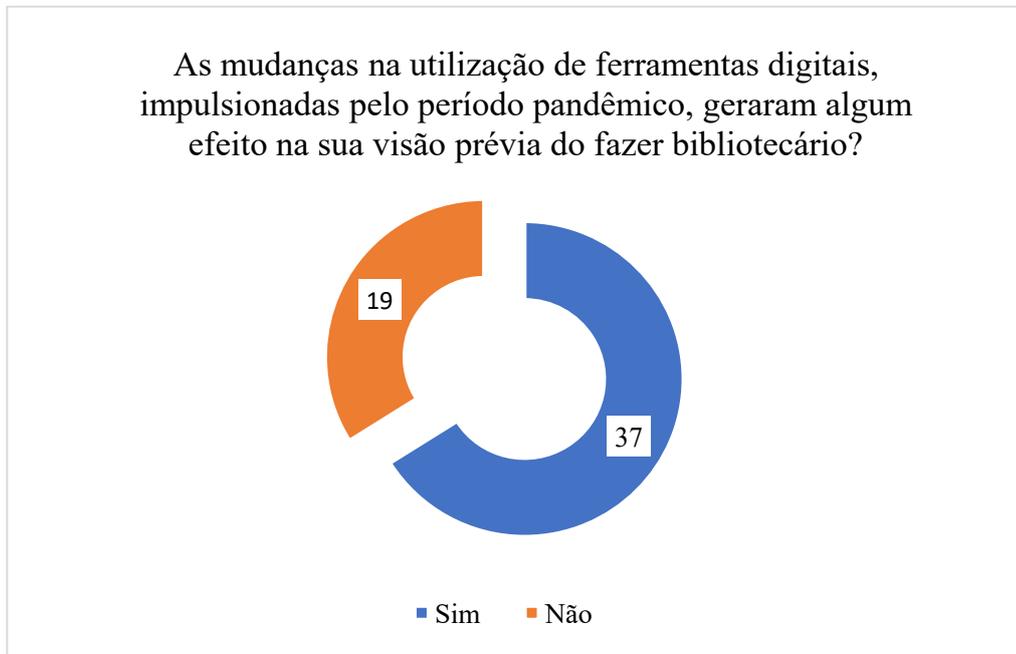
Acrescentamos que a referida biblioteca possui mais de 2 milhões de acessos e mais de 200 mil usuários cadastrados. A biblioteca funciona com um sistema de empréstimo *online*, onde o usuário pode pegar emprestado até 2 (duas) obras por um período de 15 dias, com direito a 01 (uma) renovação no mesmo prazo. Para utilizar a BibliON é necessário apenas se cadastrar gratuitamente (BibliON, 2023).

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.biblion.org.br/>.

O Gráfico 17 demonstra se os respondentes perceberam mudanças na utilização de ferramentas digitais, impulsionadas pelo período pandêmico, em uma perspectiva de futura atuação profissional, como Bibliotecário.

Gráfico 17 – Efeito na visão prévia do fazer bibliotecário

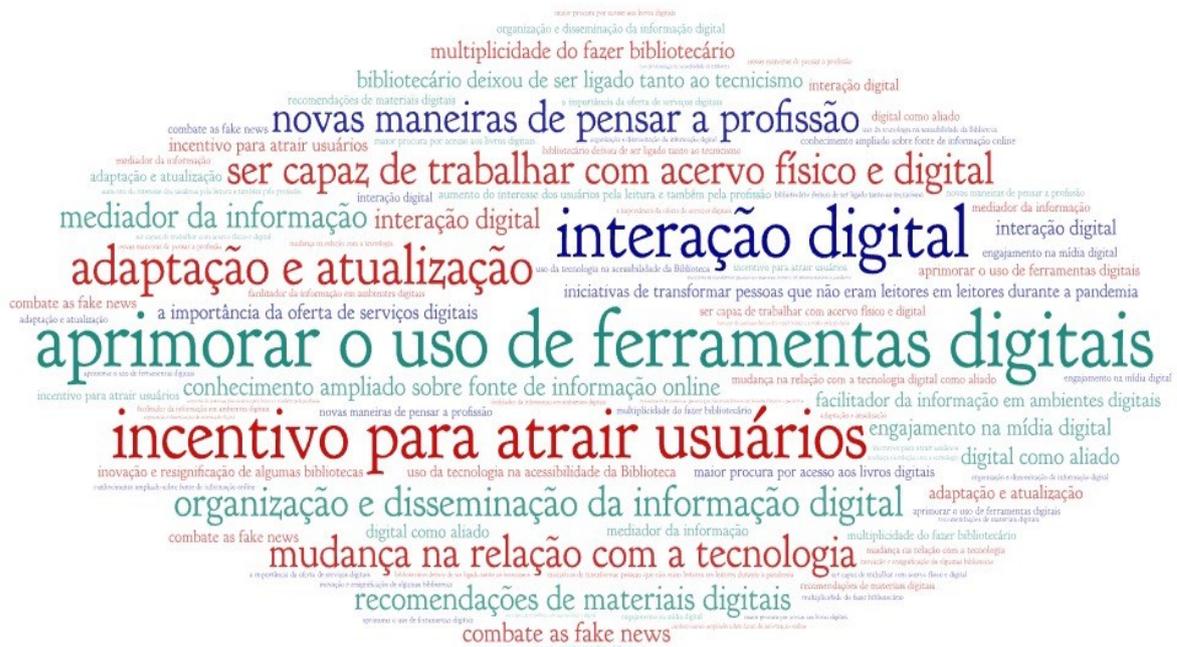


Fonte: dados da pesquisa (2023).

A pergunta do Gráfico 17 solicitava uma resposta afirmativa ou negativa para a indagação se as mudanças na utilização de ferramentas digitais, impulsionadas pelo período pandêmico, geraram algum efeito na visão prévia do fazer bibliotecário. Esta questão encaminhava a uma pergunta subsequente de resposta aberta, se houvesse marcação afirmativa.

Dos respondentes, 37 (trinta e sete) foram afirmativos, contra 19 (dezenove) negativos. Sendo assim, a maioria seguiu para o próximo questionamento, que consistia em opinar sobre as mudanças que foram perceptíveis. As respostas foram abertas e o Gráfico 18 exhibe as palavras mais utilizadas pelos respondentes.

Gráfico 18 – Palavras-chave: opinião sobre mudanças no fazer bibliotecário



Fonte: dados da pesquisa (2023).

As respostas da questão aberta referente ao efeito na visão prévia do fazer bibliotecário mediante as mudanças na utilização de ferramentas digitais, nos trouxeram aos seguintes termos e frases mais evidentes: aprimorar o uso de ferramentas, incentivo para atrair usuários, adaptação e atualização, interação digital, organização e disseminação da informação digital, ser capaz de trabalhar com acervo físico e digital, mudança na relação com a tecnologia, novas maneiras de pensar a profissão, recomendações de materiais digitais, combate as *fake news*, multiplicidade do fazer bibliotecário e conhecimento ampliado sobre fonte de informação *online*.

Como futuros profissionais de Biblioteconomia, os respondentes expressaram suas concepções de que o Bibliotecário deve manter as ferramentas digitais como aliados, adaptando e moldando sua aplicabilidade conforme necessidade das unidades de informação. Diante do cenário da pandemia, houve transformações significativas no campo da informação, da comunicação e das tecnologias em geral (Araujo *et al.*, 2021).

Para atendimento às necessidades informativas e educativas do sujeito contemporâneo intensificou-se a modalidade da comunicação virtual em tempo real (Gerlin; Chagas, 2022). Os bibliotecários são figuras importantes na mediação da informação. Obter conhecimento contínuo sobre acervos *online*, modos de acessar o ambiente digital e utilizar os suportes digitais são aprimoramentos essenciais para o presente e futuro da profissão.

[Respondente 7] - *“Nossas atividades como bibliotecário não precisam estar somente com os livros físicos de uma biblioteca, mas também os digitais. Temos que nos atualizar ainda mais sobre a tecnologia, para que possamos trabalhar mais efetivamente no cuidado e disseminação da informação - principalmente no meio digital.”*

Lidar com os acervos físicos e digitais se solidifica cada vez mais como natural para as atividades do bibliotecário. Notamos, dentre as respostas, que o digital é tido como um auxiliar para as unidades de informação e se manuseado de forma correta, é capaz de reinventar as dinâmicas de trabalho. Importante afirmar os livros digitais não seriam substituições para os materiais físicos já existentes, mas sim complementos que agregam as necessidades de uma sociedade digital.

[Respondente 52] - *“A principal influência dos livros digitais no trabalho do bibliotecário é a necessidade de adquirir e desenvolver habilidades e conhecimentos relacionados à tecnologia. Os bibliotecários precisam estar familiarizados com plataformas de leitura digital, formatos de arquivo, dispositivos de leitura e diferentes softwares. Eles também precisam compreender como gerenciar licenças de acesso e garantir o cumprimento dos direitos autorais [...]”*

Na resposta acima, observamos os pormenores em implementar acervos digitais. Ter conhecimento das plataformas, *softwares*, formatos e dispositivos são diferenciais, assim, por meio das tecnologias digitais, podemos promover a valorização do bibliotecário ao mesmo tempo em que se exige um perfil que atenda às necessidades advindas da sociedade da informação (Reis; Backes, 2019).

A informação se torna diversificada e personalizada ao que o usuário deseja. As licenças de uso também são imprescindíveis de serem conhecidas, para exercer com responsabilidade os direitos autorais.

Os participantes comentam sobre os meios de atrair usuários, através das tecnologias, frisando a acessibilidade destas ferramentas para inclusão de pessoas com deficiência. Os recursos disponibilizados pelos meios digitais, para acessibilidade, tornaram possível a integração de diversos leitores.

[Respondente 27] - *“Maior uso de ferramentas da tecnologia digital na Biblioteca, atrai o usuário principalmente os mais jovens. Assim como, uso da tecnologia na acessibilidade da Biblioteca, podendo ser uma alternativa para resolver problemas que são barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência.”*

As *fake news* se mostraram recorrente nas respostas, demonstrando que os discentes de biblioteconomia estão cientes do papel do bibliotecário como profissional da informação, que tem em mãos o poder de disseminar a competência informacional com fontes fidedignas e pertinentes (Zaninelli *et al.*, 2016). A quantidade de informações disponíveis hoje se mostra além do que podemos contabilizar, todos os dias novas fontes nascem, fontes que geram conhecimentos verdadeiros ou falsos. Os bibliotecários devem atuar como agentes para compartilhar conteúdos fundamentados.

[Respondente 21] - *“Foi perceptível a mudança entre apenas o fazer bibliotecário ser só sobre livros, onde pude pesquisar e perceber que o fazer bibliotecário vai muito além, trabalha com a verdade, com as informações, principalmente no período pandêmico onde a disseminação de informações falsas era bem forte.”*

[Respondente 56] - *“Evidenciou-se a importância do bibliotecário na educação dos usuários principalmente no que diz respeito a disseminação de Fake News, além de refletir sobre novas formas de pensar os produtos e serviços para a biblioteca.”*

Gerlin e Chagas (2022) abordam a perspectiva do sofrimento psíquico das informações falsas na população durante o atravessamento de uma pandemia. Os documentos oficiais alertam para os cuidados com relação à quantidade excessiva de informação, à desinformação e ao fenômeno das *fake news*. Notícias sensacionalistas causam ansiedade e pânico nas pessoas, principalmente em um período em que as informações devem ser confirmadas com cuidado.

Pensar novas formas de produtos e serviços para as unidades de informação são opiniões quase unânimes dentre os participantes da pesquisa. Consideram que os bibliotecários são o fator chave de interação com os usuários, mediadores que orientam para as necessidades informacionais tanto em ambiente físico quanto digital (Santa Anna, 2015).

[Respondente 23] - *“As mudanças na utilização de ferramentas digitais durante a pandemia deixaram evidente a multiplicidade do fazer bibliotecário. Antes, eu percebia que o papel do bibliotecário era focado principalmente na gestão de acervos físicos e na assistência presencial aos usuários. No entanto, com a pandemia, a importância da oferta de serviços digitais, como acesso a e-books, repositórios online e orientação virtual, tornou-se muito mais evidente. O bibliotecário é um facilitador essencial na disponibilização e promoção do acesso à informação em ambientes digitais, além de continuar a desempenhar seu papel tradicional na preservação e disseminação de conhecimento.”*



Esta questão atuou como um *feedback* em relação ao uso dos livros digitais nas Unidades de Informação. Era facultativa e o participante não era impedido de finalizar a pesquisa se não a respondesse. Os termos mais incidentes foram: *marketing*, dispositivos, pesquisa de usuário, conexão estável, acessibilidade, indexação, redes sociais, divulgação, catálogo atualizado e base de dados diversificada.

É notório como as respostas estão voltadas a divulgação dos serviços e produtos das Unidades de Informação. Os respondentes sentem falta de projetos de *marketing* que difundam a existência dos livros digitais e podemos incluir também, os demais serviços e produtos ofertados pela Unidade de Informação. Este retorno também nos mostra como

Os livros digitais são os objetos de pesquisa especificados por este estudo, todavia, toda a Unidade de Informação pode ser beneficiada pelas opiniões convergidas aqui: um plano de divulgação eficiente que contemple o que a Unidade de Informação pode fazer pelo usuário. Como contribuição para isso, explorar mais as redes sociais, pois ao atrair acessos, a Unidade de Informação adquire visibilidade.

Assim como, criar e oferecer serviços digitais através das Tecnologias de Informação e Comunicação. Explorar as possibilidades dos recursos digitais que o bibliotecário pode oferecer é uma competência extremamente importante para a atuação deste profissional, a luz das progressões tecnológicas e visão inovadora para seus espaços de trabalho (Zaninelli; Reis; Peres, 2021).

Observamos algumas das sugestões nas respostas destacadas:

[Respondente 6] – *“Ter um melhor marketing para esses livros nas bibliotecas, e chamar mais atenção a utilização das mesmas.”*

[Respondente 23] - *“Elas têm que se fazer mais presentes, para que se aproveite ao máximo os livros digitais que estas possuem. As Unidades de Informação devem ser "curadoras digitais," selecionando e apresentando tesouros literários nos diversos ambientes virtuais, abrindo assim, portas para o conhecimento.”*

[Respondente 21] - *“Além disso o marketing desses livros nessa unidade é fundamental para o seu sucesso, então se pode e deve fazer uso das redes sociais para conquistar o público.”*

A acessibilidade foi um ponto muito frisado nas respostas abertas obtidas nesta pesquisa. Os respondentes acreditam que a diversificação dos materiais possibilita a integração de pessoas com deficiência. Recursos de leitura ajustáveis são valiosos para os

leitores, são procurados tanto nas leituras pessoais como na utilização de espaços como bibliotecas e outras unidades de informação.

[Respondente 26] - *“Disponibilizar de forma mais acessível aos usuários, possuindo tanto em formato comum quanto para pessoas com deficiência.”*

Agregar plataformas de qualidade, que tenham características claras, visualmente limpas, bem organizadas e atualizadas com profissionais que saibam como compartilhar as funcionalidades destas plataformas com seus usuários, são aspectos importantes aos respondentes. O acesso aos títulos têm que ser prático e rápido, com buscas intuitivas e que recuperem objetivamente a informação buscada.

Para que as plataformas alcancem seu propósito nas Unidades de Informação, os bibliotecários necessitam ter conhecimento de como usá-las, para assim passar aos usuários as opções disponíveis.

[Respondente 8] - *“As Unidades de Informação podem otimizar o uso de livros digitais em seus ambientes implementando plataformas de acesso fácil e intuitivo, oferecendo treinamentos e suporte técnico aos usuários, promovendo a divulgação e disponibilidade dos livros digitais, além de criar estratégias para incentivar a leitura digital, como campanhas e eventos temáticos.”*

Dispositivos eletrônicos como leitores digitais e *tablets* também são facilitadores, que poderiam ser oferecidos aos usuários destes espaços, juntamente com conexão de *internet* estável que atenda a demanda, de acordo com a opinião de um respondente:

[Respondente 32] - *“Disponibilizando o fácil acesso por meio dos aparelhos que a biblioteca possa adquirir; interação com o usuário por meio de sinalização na própria biblioteca via QRcode por exemplo, além de disponibilizar para o usuário um catálogo atualizado de materiais.”*

Conhecer a comunidade da Unidade de Informação é algo que deve ser continuamente realizado, para que sejam ofertados materiais de relevância aos usuários reais e potenciais. Acervos que contenham os títulos que os leitores mais buscam são diferenciais para o sucesso destes ambientes.

[Respondente 47] - *“Oferecendo um acesso fácil, com treinamento aos usuários sobre o acesso em algumas plataformas, com um estudo de usuários na unidade e ver a necessidade para implementar o uso dos livros digitais, adquirindo títulos relevantes para a unidade, um acervo digital que facilite a busca e o acesso à informação desejada.”*

Adquirir, ofertar e divulgar livros digitais pertinentes com atualizações constantes são as exigências mais relatadas pelos respondentes. Assim como disponibilizar espaços acolhedores com estrutura adequada, conexão de qualidade e profissionais aptos a responderem dúvidas quanto à utilização das plataformas *online*.

Ter informações do que sugerir para um usuário que deseje pesquisar em um acervo *online*, uma biblioteca digital ou utilizar uma configuração de leitura personalizável nos dispositivos eletrônicos são competências essenciais para que os bibliotecários consigam suprir as necessidades informacionais de usuários ávidos por novas maneiras de ler e interagir com o mundo (Zaninelli; Reis; Peres, 2021).

Identificamos que houve aumento na atividade de leitura no período estudado, baseada nas comparações temporais e análise dos resultados. A leitura se apresentou como uma das maneiras de enfrentar o período de isolamento, visto que com a impossibilidade da visita presencial a espaços de leitura, compra ou empréstimos de livros, os livros digitais se tornaram uma opção para que o hábito da leitura perseverasse ou, ainda, que se sentissem encorajados a iniciar.

Os futuros profissionais bibliotecários não destacaram todas as possibilidades que as tecnologias dispõem quanto a criação e oferta de serviços e produtos, visto que muitas opiniões frisam somente a divulgação destes. No entanto, de modo geral, se mostraram alertas as competências que desempenharão na área e buscam se aperfeiçoar para atender as mudanças exigidas pelas necessidades informacionais dos usuários.

## 6 CONCLUSÃO

Viver em uma esfera de pandemia era algo que líamos nos livros de História sobre a realidade de outros tempos. Em 2021 nos deparamos com um mundo assolado pelo vírus do Covid-19, que trouxe medo, sofrimento, mortes e indiscutivelmente, mudanças permanentes. Nosso modo de pensar e agir adquiriu novas vertentes, eram necessárias medidas de segurança sanitária obrigatórias, higiene pessoal, uso de máscaras, distanciamento e isolamento social.

A movimentação da população ficou restrita, através do sistema de *lockdown*, durante um determinado período de tempo, com o intuito de cessar a proliferação do vírus da COVID-19, os locais classificados como “essenciais” poderiam ser frequentados, ficando restrito o acesso aos considerados “não essenciais”. O acesso a atividades corriqueiras não era mais seguro e o acesso à cultura foi deixado em suspenso.

Todos nós temos direito à educação, à saúde e à cultura, não adianta termos um corpo saudável com uma mente deteriorada. Quantas vezes um livro, uma página, um trecho escrito não ancorou a mente de alguém? Os livros representam conforto, refúgio, um local seguro, ainda mais no momento pandêmico, mediante tantos acontecimentos e fatos até então desconhecidos e inexplicáveis. Estes locais seguros não se destinam a elite somente, mas a todos que procuram paz e pertencimento.

Desta forma, criou-se um novo cotidiano que, por meio do envio de mensagens e informações *online*, transformou um expectador em agente ativo capaz de interagir com as ferramentas e as criações intelectuais. Os livros digitais se transformaram em uma alternativa para democratizar a leitura, potencializando a função da *internet* como disseminadora de informações. Como verificado nos resultados desta pesquisa, os leitores optam pelos livros digitais por serem acessíveis, práticos de serem adquiridos e capazes de serem lidos de qualquer lugar através de um dispositivo.

Este panorama modificou não apenas a forma do livro com o leitor, mas também como os futuros profissionais bibliotecários, desta pesquisa, se veem diante de sua área de atuação com tecnologias disponíveis, ao perceberem que podem explorar os acervos digitais para beneficiar os usuários. Notamos que estas possibilidades surgem como alternativas aos materiais físicos que conhecemos, aos quais nem leitores, nem profissionais, agem em detrimento ao tradicional.

Importante frisar que os futuros bibliotecários não destacaram as possibilidades que as Tecnologias de Informação e Comunicação podem oferecer para além da divulgação dos

serviços e produtos digitais. Percepção esta, evidenciada na maioria das respostas relativas à otimização dos livros digitais nas Unidades de Informação que estão direcionadas somente a divulgação dos serviços e produtos e não a criação e oferecimento destes.

Então, como ponto de partida foram abordadas as questões de investigação: Qual a contribuição dos livros digitais para a prática de leitura dos discentes de Biblioteconomia durante a pandemia? E ainda, se esta experiência alterou a percepção para a sua futura profissão de Bibliotecário?

Essas questões conduziram os objetivos a serem alcançados na investigação. O objetivo geral proposto foi: Analisar o impacto dos livros digitais nos hábitos de leitura dos discentes de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão durante o período pandêmico.

O objetivo foi complementado pelos seguintes objetivos específicos:

- a) comparar a utilização dos livros digitais pelos discentes de Biblioteconomia antes, durante e depois da pandemia;
- b) verificar as motivações dos leitores de livros digitais durante a pandemia do Covid-19;
- c) identificar como ocorre o acesso aos livros digitais;
- d) mapear as barreiras para o uso de livros digitais;
- e) conhecer as percepções dos discentes do curso de Biblioteconomia da UFMA sobre a sua atuação futura como bibliotecário no contexto tecnológico pós pandêmico.

O caráter exploratório da pesquisa está em consonância com a revisão bibliográfica e abordagem qualitativa que fora utilizada neste estudo. Os objetivos distintos entre geral e específicos expostos puderam ser atendidos, dentro da perspectiva gerada por parte da pesquisa bibliográfica e de campo.

No primeiro momento, realizamos a conceituação e panorama histórico do livro digital, remetendo aos variados suportes e matéria prima durante as eras, até a chegada da trajetória moderna. Logo após, foram percorridas as novas perspectivas das bibliotecas universitárias, mediante as Tecnologias de Informação e Comunicação e as ações realizadas durante o período pandêmico para que continuassem atuantes. Estes referenciais forneceram a base para compreensão dos resultados obtidos por meio da pesquisa de campo.

As análises efetuadas, na seção 6 deste estudo, nos permitiram constatar que houve contribuição positiva dos livros digitais as práticas de leitura dos discentes de Biblioteconomia, durante o período da pandemia do Covid-19. Ou seja, os respondentes leram mais do que eram acostumados e a leitura foi feita majoritariamente por livros digitais, no

período pandêmico, em comparação aos momentos anteriores e posteriores, conforme apresentados na Seção 5.

Pudemos dimensionar as categorias de leitura, os locais mais utilizados para esta ação, os entraves mais comuns para uma leitura plena. Agregamos, também, as visões dos respondentes acerca de bibliotecas digitais, a atuação do profissional bibliotecário mediante as tecnologias de leitura e otimização das Unidades de Informação em relação ao uso dos acervos digitais.

Percebemos o poder que o livro agrega desde a sua criação: nos tempos antigos foi destruído e queimado por conter o conhecimento, levar senso crítico e provocar reflexões nos indivíduos. A leitura apresentou-se como essencial no decorrer de gerações, na transmissão do saber, por algo que seria preservado mesmo após o falecimento do criador do texto. Uma vez que na linguagem escrita a punho ou nas telas, essa documentação não poderia ser alterada sem perder sua originalidade.

Mais evidenciado atualmente, o livro representa um escape aos tempos de isolamento e restrições devido ao COVID-19. Em meio a tanta incerteza, dor, aflições, mudanças drásticas, o livro se ergue como um símbolo de afago e esperança. Considerando não somente os livros digitais e físicos, como também todos os tipos de leitura, cada um com seu gosto pessoal, porém, com uma finalidade única: a leitura salva e transforma.

Pelo pressuposto de que um estudo científico não verdadeiramente se finda, a linha desta pesquisa não se encontra terminada. Enquanto sugestão para próximos trabalhos: aplicação de questionário avaliando outras instituições e faixas etárias, a exemplo da Universidade da Terceira Idade e escolas comunitárias. Análise dos gêneros literários que ganharam maior ênfase no decorrer do período selecionado, assim como investigação detalhada dos fatores psicológicos que os livros proporcionam ao leitor.

É importante fomentar a discussão sobre os livros digitais dentre leitores e potenciais leitores, com debates saudáveis quanto ao futuro dos materiais físicos e digitais.

Os resultados teóricos e práticos aqui obtidos beneficiarão a Universidade e, também, a sociedade ao observarmos que os futuros profissionais bibliotecários estão comprometidos com a democratização e acesso à informação, ao explorarem as competências e habilidades cabíveis a profissão.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Filipe Carvalho de. **O livro digital como processo hipermidiático: a reconfiguração dos papéis do leitor, autor e editor no contexto dos usos e práticas editoriais.** 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal da Paraíba, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7896>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- ALVIM, Renata Antunes de Mello e. Os livros digitais vão suceder os livros físicos? uma passagem pelo colecionismo e livros impressos como artigo de luxo. **Ensaio Geral**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 165-178, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/170241>. Acesso em: 6 dez. 2023.
- APOSTOLICO, Máira Rosa; EGRY, Emiko Yoshikawa. **Rev. Bras. Enferm.**, São Paulo, v. 66, n. 6, p. 949-955, nov./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/SsGCNF8LB9VHwPz3hwVyS4b/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 1 out. 2021.
- ARAÚJO, Débora Kraemer de; MAGNUS, Ana Paula Medeiros; SELBACH, Clarissa Jesinska; DEBASTIANI, Aline Matte; HANDKE, Fernanda Becker. O papel social das bibliotecas universitárias: iniciativas da Biblioteca Central Irmão José Otão da PUCRS. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)**, v. 3, n. 16, p. 97–118, 2021. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasaeb/article/view/10887>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- BARRIOS, Maria Cristina Szarota; QUEIROZ, Mariana Granado de Souza. Da argila à Amazon: mudanças das formas de registro, leitura e acesso à informação e a questão da portabilidade. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1392>. Acesso em: 1 dez. 2019.
- BATISTA, Livia Rodrigues. **A leitura digital por estudantes do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília.** 2018. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, DF, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/20897>. Acesso em: 1 dez. 2019.
- BAPTISTA, Pedro Ivo Ferreira Carreira. **Do papiro ao e-book: uma história social dos suportes da informação.** 2014. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/265>. Acesso em: 24 set. 2021.
- BENÍCIO, Christine Dantas; SILVA, Alzira Karla Araújo da. Do livro impresso ao e-book: o paradigma do suporte na Biblioteca Eletrônica. **Biblionline**, João Pessoa, v. 1, n. 2, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/580/418>. Acesso em: 24 set. 2021.
- BIBLION. A biblioteca digital gratuita de São Paulo. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.biblion.org.br/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

BROWNE, Glenda; COE, Mary. Ebook Navigation: Browse, Search and Index. **The Australian Library Journal**, [S.l.], v. 61, n. 4, p. 288-297, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00049670.2012.10739062>. Acesso em: 14 jun. 2021.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Imprensa Oficial Estado de São Paulo, 1998.

COSTA, Francisco José da; ORSINI, Anna Carolina Rodrigues; CARNEIRO, Jailson Santana. Variações de Mensuração por Tipos de Escalas de Verificação: uma análise do construto de satisfação discente. **GESTÃO.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 16, n. 2, p. 132-144, 2018. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/52313/variacoes-de-mensuracao-por-tipos-de-escalas-de-verificacao--uma-analise-do-construto-de-satisfacao-discente->. Acesso em: 1 out. 2021.

COUTINHO, Pedro; PESTANA, Olívia. eBooks: evolução, características e novas problemáticas para o mercado editorial. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)**, n. 3, p. 169-195, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/62855>. Acesso em: 30 ago. 2021.

DALCIN, Laura Reichert. **Uma análise dos aspectos e efeitos psicológicos da pandemia de COVID-19**. 2021. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2021. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia\\_LauraReichertDalcin\\_19243\\_Textocompleto.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_LauraReichertDalcin_19243_Textocompleto.pdf). Acesso em: 26 out. 2021.

DIAS, Anna Luiza *et al.* Os impactos da pandemia no mercado editorial. **Repóter Unesp**, 2021. Disponível em: <https://reporterunesp.faac.unesp.br/2021/07/29/os-impactos-da-pandemia-no-mercado-editorial-livros/>. Acesso em: 16 abr. 2022.

DIRETORIA INTEGRADA DE BIBLIOTECAS. **Protocolo de procedimentos de segurança para reabertura das bibliotecas da DIB/UFMA**. Universidade Federal do Maranhão: São Luís, 2020. Disponível em: <http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/nvmYCEzJDLpfAob.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.

ELOY, Rodney Zorzo. **O bibliotecário e a leitura conectada: competência informacional digital na era dos e-books, e-readers e tablets**. São Paulo: PerSe, 2012.

ENDO, Whaner. A pandemia da COVID-19 e o seu impacto na indústria do livro no Brasil. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 19, n. 43, p. 229-246, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6317/631769581014/html/>. Acesso em: 17 abr. 2022.

FAILLA, Zoara. (org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FENERICK, Gabriele Maris Pereira; SILVA, Márcia Regina. Percepção de estudantes quanto ao uso do acervo de e-books de uma biblioteca universitária. **Biblos: Revista do Instituto de**

**Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande do Sul, v. 29, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5157>. Acesso em: 1 dez. 2019.

FURTADO, Cassia Cordeiro. Geração Alpha e a leitura literária: os aplicativos de literatura - serviços incentivam a prática? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, p. 431–418, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/216524>. Acesso em: 4 dez. 2023.

GARBER, Megan. **Behold, the Kindle of the 16th Century**. The Atlantic, 2013. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2013/02/behold-the-kindle-of-the-16th-century/273577/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

GERLIN, Meri Nadia Marques; CHAGAS, Ricardo de Lima. Biblioterapia, saúde mental e comunicação: competências e habilidades para a atuação bibliotecária durante a crise sanitária. **ASKLEPION: Informação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 110-138, abr./set. 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/198121>. Acesso em: 6 dez. 2023.

GONÇALVES, Eduardo Assis. **Expansão de negócio editorial por meio de publicação e comercialização de livros digitais**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Administração do Desenvolvimento de Negócios, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/a11ac716-707c-45d9-936b-50ba5a716d63>. Acesso em: 2 dez. 2023.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; COSTA, José Wilson da; SANTOS, Ademir José dos. A exclusão digital: o reflexo da desigualdade social no Brasil. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 2, p. 68-85, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2480/2225>. Acesso em: 10 maio 2021.

HAMMERSCHMIDT, Karina Silveira de Almeida; SANTANA, Rosimere Ferreira. Saúde do idoso em tempos de pandemia Covid-19. **Revista Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 25, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72849>. Acesso em: 26 out. 2021.

INTERSABERES. **Qual a diferença entre biblioteca virtual e biblioteca digital?** 2022. Disponível em: <https://www.intersaberes.com/blog/qual-a-diferenca-entre-biblioteca-virtual-e-biblioteca-digital/>. Acesso em: 7 dez. 2023.

KAMA, Ana Flávia Lucas de Faria. **Livros, bibliotecas universitárias e livros eletrônicos: aspectos e consequências de um novo suporte da escrita**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília, DF, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21174>. Acesso em: 10 maio 2021.

KUSHNIR, Maria Rosa Carnicelli; PIERUCCINI, Ivete. Biblioteca universitária e formação cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ENANCIB, 2019. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003043430.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2023.

LIMA, Anderson Pacheco. **Impacto psicológico do isolamento social no enfrentamento ao coronavírus covid-19 - um estudo brasileiro**. 2021. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado Profissional em Administração, Universidade Nove de Julho, 2021. Disponível em: <http://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2479/2/Anderson%20Pacheco%20Lima.pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.

LOPES, Maria Célia Azevedo; MÜGGE, Ermani. Entre livros e leitores: a ressignificação do livro na contemporaneidade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-16, jan./abr., 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/162021>. Acesso em: 6 dez. 2023.

LOUREIRO, Juliano. **A história do Kindle: uma breve história deste leitor de livros digital**. Bingo! 2020. Disponível em: <https://www.livrobingo.com.br/a-historia-do-kindle>. Acesso em: 10 jan. 2022.

LOURENÇO, Mariana Simões. Edição digital: aspectos e perspectivas da produção de e-Books no Brasil. *In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL*, 1., 2004, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: FCRB, UFF, 2004. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marianasimoes.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

MACEDO, Helton Rubiano de. **Das estantes para a tela: prática de leitores de livros impressos e digitais do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16408>. Acesso em: 22 jun. 2021.

MALHEIRO, Fabiano Domingues; MILIONE, Giovanna Póvoa; BATISTA, Aline Herbstrith. **Bibliotecas universitárias: (re)configurações da gestão e do planejamento diante da pandemia de COVID-19**. *In: MORAES, Maria Helena Machado de; MIRANDA, Angélica Conceição Dias (org.)*. Diálogos sobre os processos de gestão nos ambientes informacionais. Rio Grande: Editora da FURG, 2023. cap. 4, p. 98-119. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/9250>. Acesso em: 19 dez. 2023.

MANNARA, Barbara; SOUSA, Danilo. **Ler livros online grátis: confira sites e apps para leitura na Internet**. Techtudo, 2022. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2022/01/cinco-sites-para-ler-livros-gratuitos-na-internet.ghtml>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MATOS, Erika Jordana Serra. **Bibliotecário de referência e acessibilidade atitudinal na biblioteca central da ufma**. 2021. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Curso em Biblioteconomia, Universidade Federal do Maranhão, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/4775>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MESQUITA, Isabel Chaves Araújo; CONDE, Mariana Guedes. A evolução gráfica do livro e o surgimento dos e-books. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, 10., 2008, São Luís. **Anais [...]**. São Luís: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/r12-0645-1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

NETO, Leonardo; FACCHINI, Talita. 40% dos brasileiros declaram ter lido livros digitais durante a pandemia. **Publishnews**, 2021. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2021/07/22/30-dos-brasileiros-declaram-ter-lido-livros-digitais-durante-a-pandemia>. Acesso em: 31 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**. 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 4 dez. 2023.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais**. São Paulo: Giz Editorial, 2010. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/22765864/procopio-ednei-o-livro-na-era-digital-completo>. Acesso em: 1 dez. 2019.

PROCÓPIO, Ednei. **A revolução dos eBooks: a indústria dos livros na era digital**. São Paulo: SENAI-SP editora, 2013.

REIS, Juliani Menezes dos; BACKES, Luciana. Bibliotecas digitais e e-books: um breve panorama mundial sobre os acervos gratuitos. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 33, n. 2, p. 46-59, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/137539>. Acesso em: 6 dez. 2023.

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. Ibope Inteligência, 2020. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_IPL\\_dez2020-compactado.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_IPL_dez2020-compactado.pdf). Acesso em: 2 dez. 2023.

RIBEIRO, Ana Elisa. O bibliógrafo digital: questões sobre a materialidade do livro no século XXI. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, número especial, p. 120-130, jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22259>. Acesso em: 21 jun. 2021.

RODRIGUES, Charles. Referenciais teóricos sobre o uso de e-book em bibliotecas públicas brasileiras. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 100-120, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/291>. Acesso em: 1 dez. 2019.

RODRIGUES, Marcos Henrique Camargo. Gutenberg e o letramento do Ocidente. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 1, n. 1, ago./dez. 2012. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/view/619>. Acesso em: 30 jan. 2022.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 183-193, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/bzwPCxGPDnyNmcLr8yt7kDH/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; REIS, Camila Nunes de Barros; SOUZA, Elizeu Clementino de. Leitura na universidade ante as tecnologias digitais: significação e novas práticas. **Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura**, Paraná, v. 3, p. 51-81, nov. 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/194450>. Acesso em: 4 dez. 2023.

ROSENFELD, Mark. Computer vision syndrome: a review of ocular causes and potential treatments. **Ophthalmic Physiol Opt**, Bethesda, v. 31, n. 5, p. 502-515, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21480937/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

ROZADOS, Helen Beatriz Frota; REIS, Juliani Menezes dos. O livro digital: histórico, definições, vantagens e desvantagens. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 19., 2016, Manaus. **Anais [...]**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151235/001009111.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2023.

SANTA ANNA, Jorge. A biblioteca universitária no presente: de labirinto à encruzilhada em busca da biblioteca híbrida. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 6-18, jan./abr., 2015. Disponível em: [https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/982/pdf\\_117](https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/982/pdf_117). Acesso em: 18 dez. 2023.

SANTA ANNA, Jorge; COSTA, Maria Elizabeth de Oliveira. A redefinição da biblioteca universitária à luz dos paradigmas da biblioteconomia e ciência da informação: Um Estudo de Caso. **Ci. Inf. Rev.**, Maceió, v. 4, n. 3, p. 40-57, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/3746/3030>. Acesso em: 18 dez. 2023.

SERRA, Liliana Giusti. Política para a gestão de livros digitais: formação do bibliotecário e dos usuários. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, [S. l.], v. 8, n. 1/2, 2014. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/4253>. Acesso em: 26 out. 2021.

SERRA, Liliana Giusti; SILVA, José Fernando Modesto da. Impacto dos e-books em bibliotecas e o modelo de assinatura de publicações. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1408/1409>. Acesso em: 1 dez. 2019.

SILVA, Márcio Bezerra Da; SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Análise sobre políticas de informação: perspectivas do regime de informação no âmbito da inclusão digital ante os Livros Verde e Branco. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 47 n. 2, p. 155-168, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/99206>. Acesso em: 7 dez. 2023.

SILVA, Ronaldo Alves da. E-books em bibliotecas: novos desafios para bibliotecários. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: [portal.febab.org.br/anais/article/download/1398/1399](https://portal.febab.org.br/anais/article/download/1398/1399). Acesso em: 1 dez. 2019.

SOARES, Cristiane da Silva; ALVES, Thays de Souza. **Sociedade da informação no Brasil: inclusão digital e a importância do profissional de TI.** [201-?]. Monografia – Centro Universitário Carioca, Rio de Janeiro, [201-?]. Disponível em: <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/computacao/sociedade-informacao-no-brasil-inclusao-digital-a.htm>. Acesso em: 1 dez. 2019.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de. A revolução digital no mercado do livro e as novas práticas de leitura nos Estados Unidos, França e Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 782-804, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/211483>. Acesso em: 7 dez. 2023.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

THOMPSON, John. O futuro dos livros. **Matrizes**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 11–20, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/210686>. Acesso em: 4 dez. 2023.

UFMA. **UFMA esclarece aos estudantes aspectos sobre o retorno às aulas do período 2020.1**. 2021. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/site/ensino/faq-retorno-aulas#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20planejamento,condi%C3%A7%C3%B5es%20ofertadas%20pelos%20mesmos%20cursos>. Acesso em: 18 dez. 2023.

UFMA. **Nota de esclarecimento**: Continuidade dos serviços de gravação e outros serviços de apoio tecnológico pelo Google Workspace para UFMA. 2022. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/site/noticias/nota-de-esclarecimento-continuidade-dos-servicos-de-gravacao-e-outros-servicos-de-apoio-tecnologico-pelo-google-workspace-para-ufma>. Acesso em: 1 maio 2023.

VASSILIOU, Magda; ROWLEY, Jennifer. Progressing the definition of “e-book”. **Library Hi Tech**, Bingley, v. 26, n. 3, p. 355-368, 2008. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Progressing-the-definition-of-%22e-book%22-Vassiliou-Rowley/41b482071541e1cf2a8ec6f625d705eba00b3d33>. Acesso em: 28 out. 2021.

VIRGINIO, Rennam; NICOLAU, Marcos. Livro Digital: Percalços e Artimanhas de um Mercado em Reconfiguração. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 14., 2012, Recife. **Anais [...]**. Recife: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/23673>. Acesso em: 14 abr. 2022.

ZANINELLI, Thais Batista; TOMAÉL, Maria Inês; JOVANOVIČH, Eliane Maria da Silva; LOURENÇO, Ramon Fernandes; REIS, Elismar Vicente dos. Os nativos digitais e as bibliotecas universitárias: um paralelo entre o novo perfil do usuário e os produtos e serviços informacionais. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 21, n. 3, p. 149–184, set./dez., 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33521>. Acesso em: 18 dez. 2023.

ZANINELLI, Thais Batista; NOGUEIRA, Cibele Andrade; PERES, Ana Luísa Moure. Bibliotecas universitárias: uma perspectiva teórica sobre inovação em serviços informacionais. **RDBCI: Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf**, Campinas, v. 17, p. 1-20, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/110309>. Acesso em: 19 dez. 2023.

ZANINELLI, Thais; REIS, Sandra Gomes de Oliveira; PERES, Ana Luísa Moure. O desejo de modernização das Bibliotecas Universitárias pelos nativos digitais: tendência ou modismo? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-26, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/160937>. Acesso em: 18 dez. 2023.

## APÊNDICE A – Questionário

### OS LIVROS E A PANDEMIA: práticas de leitura digital dos estudantes de Biblioteconomia da UFMA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado(a) Participante

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **OS LIVROS E A PANDEMIA: práticas de leitura digital dos estudantes de Biblioteconomia da UFMA**; conduzida por Elizabete Pereira de Souza, graduanda do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA; sob orientação da professora doutora Jaciara Januario da Silva.

Este estudo tem por objetivo: Investigar os impactos dos livros digitais aos hábitos de leitura dos estudantes de Biblioteconomia na cidade de São Luís, Maranhão, após a pandemia do Covid-19, que teve fim em abril de 2022. Nesta pesquisa, a sua contribuição consistirá na participação de um questionário onde a pesquisadora, Elizabete Pereira de Souza, apresentará questões fechadas e abertas a serem opinadas pelo entrevistado(a). Esta atividade terá a duração aproximada de 5min.

Como a sua participação nesse estudo é voluntária, você terá a liberdade de decidir não participar, ou ainda, desistir da pesquisa em qualquer momento de sua execução. Todavia, a sua participação neste questionário contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico na área de investigação.

Asseguramos que os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual; visando, desta forma, assegurar o sigilo de sua participação. Assim sendo, comprometo-me que ao tornar públicos, nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos na pesquisa, usarei o mesmo princípio de não identificação individual do participante.

Muito obrigada pela sua contribuição!

Atenciosamente,

Elizabete Pereira de Souza

Marque apenas uma opção: \*

- Estou informado e concordo em participar
- Estou informado e não concordo em participar

### **Identificação**

1 - Você esteve matriculado no curso de Biblioteconomia da UFMA (sem aulas presenciais) em algum dos seguintes períodos? \*

- 2020.1
- 2020.2
- 2021.1
- 2021.2
- 2022.1
- 2022.2
- Não estive matriculado nos períodos listados

2 - Qual sua faixa etária? \*

- 16-18 anos
- 19-24 anos
- 25-35 anos
- 36-45 anos
- 46-60 anos
- Acima de 60 anos

**Práticas de leitura**

3 - Onde você adquire livros com mais frequência? (Considere livros físicos e digitais) Marque até 2 opções. \*

- Livrarias Físicas
- Livrarias Online
- Lojas Físicas
- Lojas Online
- Bibliotecas Físicas
- Download da internet
- Doação/presente
- Outro: \_\_\_\_\_

4 - Qual sua principal motivação ao ler um livro? (Considere livros físicos e digitais) \*

- Entretenimento
- Estudo
- Obrigação
- Adquirir novo hábito
- Indiferente
- Outro: \_\_\_\_\_

5 - Já teve acesso a um livro digital (*e-book*)? \*

- Sim e gosto
- Sim, porém, não gosto
- Nunca tive contato
- Não sei opinar

6 - Qual tecnologia você habitualmente utiliza para realizar a leitura de livros digitais? \*

- Celular
- Tablet
- Computador de mesa
- Notebook
- E-reader (leitor digital)
- Não utilizo estas tecnologias para leitura de livros digitais
- Outro: \_\_\_\_\_

7 - Você acredita que leu mais livros do que era acostumado desde o início do isolamento social, provocado pela pandemia do Covid-19? \*

- Sim
- Não
- Não tenho certeza

8 - Qual a média de livros lidos, ao ano, **ANTES do início da Pandemia do COVID-19**, sejam eles de qualquer gênero? Considere livros impressos e digitais. \*

	0	De 1 a 3	De 4 a 6	De 7 a 10	Mais de 10
Livros Físicos	<input type="radio"/>				
Livros Digitais	<input type="radio"/>				

9 - Qual a média de livros lidos, **DURANTE a Pandemia do COVID-19**, sejam eles \*  
de qualquer gênero? Considere livros impressos e digitais.

	0	De 1 a 3	De 4 a 6	De 7 a 10	Mais de 10
Livros Físicos	<input type="radio"/>				
Livros Digitais	<input type="radio"/>				

10 - Qual a média de livros lidos, ao ano, **PÓS PANDEMIA**, sejam eles de qualquer \*  
gênero? Considere livros impressos e digitais.

	0	De 1 a 3	De 4 a 6	De 7 a 10	Mais de 10
Livros Físicos	<input type="radio"/>				
Livros Digitais	<input type="radio"/>				

11 - Você considera que lê mais livros digitais ou livros impressos? \*

- Leio mais livros digitais
- Leio mais livros impressos
- Nenhuma das anteriores

**Livros digitais e físicos**

12 - Quais as principais vantagens do livro digital? Marque todas que se aplicam. \*

- Consigo guardar e transportar vários livros em um dispositivo
- Possui formato acessível
- É possível ler a noite, apenas com a luz do dispositivo
- É mais leve do que segurar um livro impresso
- Adquirir o livro e ser capaz de ler instantaneamente
- Posso fazer comentários, marcações e depois juntar essas informações em um arquivo
- Tem mais durabilidade
- Não consome papel
- São mais baratos
- Posso baixar gratuitamente
- Não há vantagens
- Não sei opinar
- Outro: \_\_\_\_\_

13 - Quais as principais vantagens do livro físico? Marque todas que se aplicam. \*

- Estimulação sensorial: posso segurar, ver e cheirar o livro
- Não utiliza energia elétrica
- A impressão e diagramação evidenciam certos aspectos visuais da leitura
- Posso guardá-los e visualizá-los em um local de minha preferência
- O uso de aparelhos eletrônicos não é obrigatório
- Ajudam a construir um ambiente aconchegante, de concentração e estudo
- A visão não fica exposta por muito tempo à luz dos aparelhos eletrônicos
- Não há vantagens
- Não sei opinar
- Outro: \_\_\_\_\_

14 - Quais as principais desvantagens do livro digital? Marque todas que se aplicam. \*

- Não posso tocar e folhear o livro
- Não posso admirar / cheirar o livro
- Não é possível fazer anotações/escrever com caneta / lápis / marcadores
- Não poder colocar o livro na estante/prateleira
- A luz dos dispositivos eletrônicos me cansa
- Não encontro os títulos que desejo disponíveis em livro digital
- São caros
- Não há desvantagens
- Não sei opinar
- Outro: \_\_\_\_\_

15 - Quais as principais desvantagens do livro físico? Marque todas que se aplicam. \*

- É pesado para manusear
- São mais caros
- Afetam o meio ambiente
- Com o tempo, o papel vai se deteriorando / criando mofo
- Requerem mais espaço para serem guardados
- Não é possível transportá-los para todos os lugares que quero
- Não há desvantagens
- Não sei opinar
- Outro: \_\_\_\_\_

16 - Em que lugares você lê um livro digital? \*

- Em casa
- Na Universidade
- No estágio / trabalho
- Durante o trajeto até a casa / universidade / estágio / trabalho
- No lazer
- Outro: \_\_\_\_\_

### ***Biblioteca Digital***

17 - É usuário ou já teve acesso a uma Biblioteca Digital? \*

- Sim
- Não

### ***Biblioteca Digital***

18 - Por favor, diga qual sua opinião sobre a biblioteca digital acessada. \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

### ***Fazer Bibliotecário***

19 - As mudanças na utilização de ferramentas digitais, impulsionadas pelo período pandêmico, geraram algum efeito na sua visão prévia do fazer bibliotecário? \*

- Sim
- Não

**Fazer Bibliotecário**

20 - Informe a seguir quais mudanças foram perceptíveis em sua opinião. \*

Sua resposta

---

**Unidades de Informação e livros digitais**

21 - Antes de ir, por favor, deixe suas impressões de como as Unidades de Informação deveriam otimizar o uso dos livros digitais em seus ambientes.

Sua resposta

---